



FACULDADE DE INHUMAS – FACMAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

WEDSON FERREIRA DA CRUZ

A DIMENSÃO EDUCACIONAL DO SER LÍQUIDO

INHUMAS – GO

2022

WEDSON FERREIRA DA CRUZ

A DIMENSÃO EDUCACIONAL DO SER LÍQUIDO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas-FACMAIS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Manzi Filho.

INHUMAS – GO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BIBLIOTECA CORA CORALINA - FacMais

C957d

CRUZ, Wedson Ferreira da
A DIMENSÃO EDUCACIONAL DO SER LÍQUIDO. Wedson
Ferreira da Cruz. – Inhumas: FacMais, 2022.

62 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Educação Superior de Inhumas -
FacMais, Mestrado em Educação, 2022.

“Orientação: Ronaldo Manzi Filho”.

1. Modernidade líquida; 2. Modernidade sólida; 3. Educação. I.
Título.

CDU: 37

WEDSON FERREIRA DA CRUZ

A DIMENSÃO EDUCACIONAL DO SER LÍQUIDO

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Inhumas – PPGE/FACMAIS.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo Manzi Filho

Orientador e Presidente da Banca – PPGE/FACMAIS

Prof. Dr. Diego A. Moraes Carvalho

Avaliador Externo – IF/GO

Profa. Dra. Cristyane Batista Leal

Avaliadora Interna – PPGE/FACMAIS

INHUMAS - GO

2022

Aos meus familiares e amigos de uma maneira geral pelo apoio e também pelo incentivo sabendo que através das palavras de vocês foi pavimentada uma estrada que liga o sonho e a esperança de uma sociedade melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, senhor absoluto de todas as coisas, e aos professores Ronaldo Manzi Filho, pela paciência e competência na orientação, e a professora Cristyane Batista Leal pela sua luz radiante que serviu como guia nesta minha jornada; também aos colegas de turma pelo apoio moral.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar num primeiro plano a concepção de sujeito líquido na sua vertente exposta e refletida no atual momento, no mundo Ocidental, tendo como referencial teórico inicial Zygmunt Bauman, que foi, original e adjetivou em certos aspectos tanto a modernidade sólida e líquida e valendo-se de tais conceitos e sobretudo buscando relacioná-los com a educação e os frutos educacionais da era líquida. Acreditamos que será necessário nos voltarmos para alguns conceitos tais como fluidez e modernidade líquida em seus usos na era moderna. Desta maneira, esta pesquisa terá como elemento norteador, num segundo plano, a tentativa de buscar a compreensão dimensional do ser líquido contraposta à concepção de uma era sólida. O objetivo primordial deste trabalho também é compreender os frutos educacionais da era líquida e, sobretudo, analisar a dimensão que dela nos foi legada. Temos como norte sempre a análise que nos traz Bauman. Além de outros teóricos consagrados e importantes que ajuda na caracterização e entendimento do momento exato do surgimento da dita modernidade, tais, como Jurgen Habermas, Hannah Arendt e Martin Heidegger e outros pensadores que refletiram a respeito do surgimento dela. Sempre tendo como método dialético de pesquisa e de concepção, respeitando, o tradicional conceitos e percepções surgidas ao longo do tempo e ao mesmo tempo aberto para novas possibilidades que possam existir. E dentro destas considerações iniciais haveremos de perceber na síntese reflexiva de fechamento deste trabalho que, o diálogo permanente, a ação reflexiva e crítica da realidade de educadores e educandos, além, de outras ações possam ser alguns possíveis caminhos de compreensão da dimensão educacional do ser líquido e do seu legado se existir algum.

Palavras - chave: Modernidade líquida; Modernidade sólida; Educação.

ABSTRACT

This work intends to present in a foreground concept of liquid subject in its exposed, and reflected aspect in the current moment, in the western world, having as initial theoretical reference Zygmunt Bauman, who was, original and adjective in certain aspects both solid and liquid modernity and making use of such concepts and above all seeking relate them to education and the educational fruits of the liquid age. We believe that it will be necessary to turn to some concepts such as fluidity and liquid modernity in their uses in the modern era. In this way, this research will have as a guiding element, in the background, the attempt to seek a dimensional understanding of the liquid being opposed to the conception of a solid era. The primary objective of this work is also to understand the educational fruits of the-liquid era and, above all, to analyze the dimension that was bequeathed to us. We always have as a guide the analysis that Bauman brings us. In addition to other established and important theorists who help in the- characterization and understanding of the exact moment of the emergence of so-called modernity, such as Jurgen Habermas, Hannah Arendt and Martin Heidegger and other thinkers who reflected on its emergence. Always having as a dialectical method of research and design, respecting the traditional concepts and perceptions that emerged over time and at the same time open to new possibilities that may exist. And within these initial considerations, we will see in the reflective synthesis at the end of this work that the permanent dialogue, the reflective and critical action of the reality of educators and students, in addition to other actions, may be some possible ways of understanding the educational dimension being net and its legacy if any.

Keywords: liquid modernity; solid modernity; education.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 – A definição de modernidade.....	12
Capítulo 2 – Conceituando a Modernidade sólida e a modernidade líquida.....	23
Capítulo 3 – Verificando as formas de relações na modernidade líquida.....	29
Capítulo 4 – A educação na Modernidade Líquida segundo Bauman.....	40
Conclusão.....	57
Bibliografia.....	60

Introdução

Concebemos esse trabalho visando compreender os frutos educacionais da modernidade líquida tal como nos apresenta Zygmunt Bauman. Voltaremos nos à ideia de sujeito líquido tendo como horizonte o seu aspecto educacional tal como Bauman o caracteriza e o que ele representa em nossa sociedade. Iremos também diferenciar o conceito de modernidade líquida da modernidade sólida observando e sintetizando qual a importância dessa diferenciação na compreensão da nossa época ao menos em seus aspectos essenciais.

Em um segundo momento, será pensado os tipos de relações que existem na nossa sociedade; veremos que, em certo sentido, elas tendem a ser menos frequentes e menos duradouras. Sendo uma das possíveis causas é que com a explosão das mídias digitais, as relações sociais ficaram fragilizadas no presencial em detrimento do virtual, onde, o reino das possibilidades é maior, além do variado cardápio disponível entender, o que ocorre de fato e de verdade com as ditas relações sociais é uma tarefa que requer uma análise conceitual rigorosa de cada momento vivido. Ao lado dessas formas de relações, há também um estado de insegurança e de efemeridade que passou a caracterizar a condição humana da modernidade líquida segundo Bauman. Como consequência, vemos surgir um sujeito fragmentado, diluído, e também nas palavras de Bauman, um sujeito objetificado pelo capitalismo, tornando, muitas das vezes, o que ele consome e não o que ele é de fato. A incerteza passa a ser a única certeza e também a moradia natural deste indivíduo; neste sentido, viveríamos em uma sociedade do consumo e da imediatez.

Iremos, portanto, analisar uma concepção possível de formas de vidas diferentes que se deram nas últimas décadas. Nosso método será interpretativo e se valerá principalmente da obra *Modernidade líquida* de Bauman. Além da convocação de outros pensadores da sociedade, como por exemplo, Anthony Giddens que é conhecido e reconhecido com a sua Teoria da Estruturação e pela sua visão holística das sociedades modernas bem como também pela sua intenção de renovar a social-democracia através da chamada Terceira Via.

Buscaremos caracterizar o sujeito líquido segundo a concepção moderna deste termo no interior de uma discussão do que seria nossa modernidade líquida tal como desenvolvida por Bauman. O sociólogo polonês insistiu, nessa metáfora do “líquido” para compreender, clarear e sintetizar a áurea da modernidade.

Lembremos como houve severas mudanças no período que se seguiu após o fim da Segunda Guerra Mundial. Tais mudanças têm fortes influências no todo social e individual e dizem respeito a uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção se tornaram frágeis, de curta duração e maleáveis, como os líquidos. Também verificaremos como este e outros acontecimentos sociais do século XX afetaram de maneira significativa a existência do sujeito efêmero do nosso tempo. Lembrando que o conceito de liquidez das coisas e principalmente das relações humanas opõe-se, na obra de Bauman, ao conceito de modernidade sólida, quando as relações eram duradouras, fortes e estáveis.

Destaquemos como Bauman define a modernidade líquida a partir da concepção do estado líquido, tal como lemos nesta passagem da obra *Modernidade Líquida*:

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o torna irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal preenchem apenas por um momento (BAUMAN, 2000, p. 8).

Ou seja, o autor usa inicialmente as diferentes características dos fluidos em relação aos sólidos como metáfora para compreender a natureza existencial da era moderna. A definição de modernidade líquida tem a sua importância na medida em que passa a ser um aspecto importante para a compreensão do sujeito moderno, ou de, pelo menos, daquilo que foi feito dele.

A modernidade imediata é líquida e veloz; ela é mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou, sendo, descrita com as suas implicações no decorrer do presente trabalho. A passagem de uma à outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida seria um novo momento único da história mundial, no qual, as relações humanas tornaram-se frágeis e efêmeras. Com a frase emblemática de Bauman, podemos perceber que há algo de específico no que ele denomina modernidade líquida: “Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar”.

Bauman nos deixou uma vasta obra com mais de 50 títulos publicados e é um consagrado pensador do final do século 20. Ele também pode ser classificado como um importante expoente da chamada “sociologia humanística”, pois dedicou a vida a estudar a

condição humana. Sabemos que suas ideias refletem sobre a modernidade em temas como: sociedade de consumo, ética e valores humanos, relações afetivas, globalização e o papel da política etc.

Apresentaremos no passo seguinte a concepção de modernidade. Entretanto, antes de pensar na diferença entre o que se adjetiva de líquido e sólido, vale clarear e sintetizar a concepção de modernidade para depois desenvolvermos nosso tema.

Capítulo 1 – A definição de modernidade

Pode-se entender o conceito básico de modernidade como algo que tem vínculo e está ligado a tudo aquilo que é recente e atual. Do ponto de vista histórico, a modernidade refere-se, em uma concepção clássica, à história dos Tempos Modernos, desde o Renascimento até a atualidade. Ela pode ser vista, também, como um período que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica vigente no mundo. Ao tratar a era moderna, pré-moderna ou ainda a pós-moderna, muitas vezes, fazemos referência à ordem política, à organização de nações, à forma econômica que essas adotaram e as suas inúmeras características. Assim, em uma amplitude maior, a modernidade pode ser entendida como um conceito que leva à compreensão de um tempo histórico; pode também designar uma vanguarda artística, como por exemplo, o modernismo ou até mesmo pode expressar uma transformação na sociedade, aqui entendida como a racionalização social. A Sociologia irá trabalhar mais especificamente com o último aspecto fornecendo uma explicação das sociedades modernas, de seus processos de diferenciação e dos seus critérios de desenvolvimento.

Noutra perspectiva, diversos pensadores sintetizaram a Idade Moderna de maneira singular, na qual a Filosofia Moderna teria início com o chamado Renascimento e chega ao seu fim com o Iluminismo, tendo como marcas principais a valorização da razão e o cientificismo. Ela também pode ser concebida por ter realizado uma guinada ao Humanismo e pela valorização incondicional da razão, em que se derivaria a explicação racional das coisas e do mundo à sua volta.

Sabemos que a respeito da Era Moderna existem divergências quanto a sua datação específica, uma vez que diferentes eventos podem marcar seu começo ou suas características mais definidoras. Citamos alguns possíveis: a Reforma Protestante do século XVI; o Renascimento do século XVII; a Revolução Francesa; a Revolução Industrial, etc...

Esses entre outros acontecimentos marcam aquilo que o sociólogo Anthony Giddens considera três marcas que estariam associadas à Modernidade: 1) uma posição que entende o mundo como aberto à transformação dos homens; 2) um complexo de instituições econômicas baseado na divisão do trabalho, na produção industrial e na economia de mercado e 3) um arranjo de instituições políticas, sendo o Estado moderno

centralizado e com democracias de massa. Essas profundas transformações culturais e sociais fizeram da modernidade uma era pautada pela ideia de progresso, em detrimento do Antigo Regime, que se baseava nas tradições e na conservação (GIDDENS, 1991, p. 28).

Já o pensador Max Weber pensou essa tendência de alteração dos padrões sociais nos termos de uma dinâmica de racionalização. Sendo ele um teórico que ajuda a compor o cenário de entendimento da modernidade na medida que caracteriza ela como destino e problema e como campo de forças no qual se confronta escolhas fundadas no repertório de valores que ela mesma propõe.

Trata-se da prevalência da racionalidade com respeito a fins, ou seja, o cálculo e disposição dos meios para o alcance de um objetivo, sobre as formas tradicionais e afetivas de racionalidade. Assim, com o deslocamento do poder das imagens de mundo religiosas e das normas tradicionais para a lógica da razão instrumental, dá-se o fenômeno que Weber chama de “desencantamento do mundo”. Esse fenômeno, porém, não se dá apenas nas disposições e atitudes dos indivíduos: ele é institucionalizado nas duas instituições modernas que já foram mencionadas, o Estado e a economia capitalista, definindo assim uma dinâmica de secularização da sociedade. Ao mesmo tempo, a amálgama das transformações culturais e sociais possibilitaram o desenvolvimento da ciência e da técnica em níveis nunca antes visto (WEBER, 2007, p. 287).

Assim, a chamada modernidade marca a nossa história de maneira em que a razão, o progresso e a individualidade são tomados como os princípios centrais de organização da sociedade. É preciso lembrar também que essa modernidade conviveu com o colonialismo europeu e o próprio Holocausto – realizações que podem ser entendidas como um desenvolvimento nefasto da explosão da técnica e da ciência, isto é, da razão instrumental sobre outras formas de entendimento. Como se vê, a ideia de modernidade não é simples de ser caracterizada.

Tomemos, por exemplo, o pensamento de Habermas em sua obra *O discurso Filosófico da Modernidade* em que ele reflete sobre vários pensadores que discorrem sobre a modernidade. Em especial, Habermas concorda em realizar uma crítica ao Iluminismo, mesmo concordando que a razão é situada historicamente, em uma dada sociedade, em corpo linguístico determinado. Mas Habermas pretende ainda uma crítica ao Iluminismo que torne a razão prática, em que os valores sejam concretos e as relações comunicativas entre os indivíduos sejam levadas a cabo.

Este pequeno esboço inicial de apresentação do pensamento de Habermas, de certa forma, antecipa o argumento maior da obra: ao perder de vista o “impulso cultural da modernidade” e abandonar o projeto da modernidade como um todo, os intelectuais europeus ignoram a dimensão emancipatória do iluminismo Europeu. Assim, abre-se mão de desenvolver os únicos meios de uma crítica consistente e imanente da própria modernidade. Desta maneira, a modernidade passa a ser definida por Habermas como um conjunto de problemas surgidos pela transformação da sociedade europeia e de acordo com o que Hegel chamou de “princípio da subjetividade” (HABERMAS, 2002).

Habermas destaca que Hegel foi o primeiro a tomar como problema filosófico o processo pelo qual a modernidade se desliga das sugestões normativas do passado que lhe são estranhas. “Certamente na linha de uma crítica da tradição que inclui as experiências da Reforma e do Renascimento e reage aos começos da ciência natural moderna, a filosofia dos novos tempos, da escolástica tardia até Kant, já expressa autocompreensão da modernidade” (HABERMAS, 2002, p. 24). Deparamo-nos, então, com uma leitura singular, no sentido de ser única e proveitosa da obra de Hegel para conceber e analisar a Modernidade. Logo à frente, Habermas coloca em destaque como Hegel é o primeiro a tentar conceituar a modernidade ao pensar a subjetividade:

Antes de tudo, Hegel descobre o princípio dos novos tempos: a subjetividade. Valendo-se desse princípio explica simultaneamente a superioridade do mundo moderno e sua tendência à crise: ele faz a experiência de si mesmo como o mundo do progresso e ao mesmo tempo do espírito alienado. Por isso, a primeira tentativa de levar a modernidade ao nível do conceito é originalmente uma crítica da modernidade (HABERMAS, 2002, p. 25).

Valendo-se do argumento da subjetividade humana, como um princípio inerente dos novos tempos, Habermas chega a um ponto crucial para nosso trabalho: a subjetividade entendida, em última instância, como um espaço íntimo do indivíduo e que no futuro viria a ser um espaço de como ele “instala” sua opinião ao que é dito e revelado ao mundo. Portanto um espaço de “liberdade” e um modo de se relacionar com o mundo social, resultando nas marcas singulares de ver e perceber o mundo como lemos abaixo:

De modo geral, Hegel vê os tempos modernos caracterizados por uma estrutura de auto-relação que ele denomina de subjetividade: o princípio do mundo moderno é em geral a liberdade da subjetividade, princípio segundo o qual todos

os aspectos essenciais presentes na totalidade espiritual se desenvolvem para alcançar o seu direito (HABERMAS, 2002, p. 25).

Outro marco importante para pensarmos a concepção de modernidade é da filósofa alemã Hannah Arendt. Ela concebeu três acontecimentos decisivos na formação do período moderno que, de certa forma, inauguram o novo tempo. São eles: a descoberta da América, a reforma protestante e a invenção do telescópio. Esses três eventos estão ligados aos nomes de grandes navegadores, Martin Lutero e Galileu Galilei. A descoberta de um novo continente e a ameaça da tranquilidade religiosa pela reforma protestante nos parece mais fácil de entender. Quanto à invenção do telescópio, temos que pensar enquanto o primeiro aparato puramente científico que causaria um grande impacto para a modernidade: o de tornar viável a expansão dos limites territoriais para além da Terra. Ora, com o descobrimento de um novo continente, o homem passa a conhecer a Terra e, aos poucos, as distâncias se encurtam com o progresso locomotivo – a Terra passa a ser concebida como um todo acessível. Com a Reforma, a distância com Deus passa a ser menor, pois cada protestante pode ter acesso direto à palavra de Deus. Mas devemos ter em conta também o instrumental técnico:

Aos olhos dos seus contemporâneos, o mais espetacular dos três eventos deve ter sido a descoberta de continentes desconhecidos e de oceanos jamais sonhados; o mais inquietante deve ter sido a irremediável cisão do cristianismo ocidental através da Reforma, com o inevitável desafio à própria ortodoxia e a imediata ameaça à tranquilidade espiritual dos homens; é sem dúvida o menos percebido de todos foi a introdução, no já sortido arsenal de utensílios humanos, de um novo instrumento inútil, a não ser para olhar as estrelas, embora fosse o primeiro instrumento puramente científico a ser concebido (ARENDR, 2007, p. 260).

Em outro ponto ela argumenta a respeito do advento da dúvida cartesiana, tão, fundamental e importante para a nova concepção de mundo, provando assombros diante da nova realidade:

A dúvida cartesiana advém do assombro diante dessas novidades. O assombro relacionado à dúvida cartesiana é uma reação à nova realidade, vista como um vislumbrar diante de uma concepção de mundo em que não era mais a contemplação, nem a observação e nem a especulação que mudava a concepção física do mundo, mas a invenção de um determinado instrumento - o telescópio (ARENDR, 2007, p. 260).

Nesse caminho, podemos pensar a importância que se tem na modernidade os instrumentos técnicos com a qual fazemos e fabricamos o mundo. Com essa capacidade

técnica, aliás, acreditar-se-ia que se é capaz de eliminar a aparência e atingir o conhecimento (através da interferência do agir humano). Por outro lado, os sentidos da percepção levariam a uma interpretação equivocada da verdade, como por exemplo, quando se via que o Sol girava em torno da Terra. O mesmo erro se daria com a ideia de olho da mente como Arendt destaca:

Só então se percebeu até que ponto a razão e a fé na razão dependiam, não de percepções sensoriais isoladas, mas cada uma das quais poderia ser ilusória, mas do pressuposto, jamais contestado, de que o sentido como um todo - reunidos e presididos pelo senso comum, que é o sexto e o mais alto de todos os sentidos - integra o homem e a realidade que o rodeia. Se o olho humano pode trair o homem de tal forma que tantas gerações haviam sido levadas a crer que o Sol girava em torno da Terra, então a metáfora dos olhos da mente já não podia ser verdadeira; baseava-se, embora implicitamente e mesmo quando usada em oposição aos sentidos, numa fé ulterior na visão corporal (ARENDR, 2007, p. 287).

Na filosofia moderna, as novas descobertas nos levam a questionar a confiança humana no mundo e no universo tal como o vemos. Entretanto, o próprio ser humano pode criar suas próprias aparências ou embustes. Ao mesmo tempo, é capaz de se colocar em *dúvida* tal como Descartes. Essa capacidade é o que destaca Hannah Arendt na obra *A condição Humana* especificamente no capítulo VI – momento em que ela destaca o advento da chamada era Moderna:

A filosofia moderna começou com o omnibus dubitandum est de Descartes - ou seja, com a dúvida; mas a dúvida não como controle inerente à vida humana, destinada a resguardá-la contra os engodos do pensamento e as ilusões do sentido, nem como ceticismo em relação à moral e os preconceitos dos homens e das épocas, e nem mesmo como método crítico de pesquisa científica e especulação filosófica (ARENDR, 2007, p. 286).

Existem também outros dois aspectos cartesianos a serem considerados: em relação à realidade do mundo e da vida humana (os quais são colocados em dúvida pela descrença no senso comum, na razão e nos sentidos); e em relação à condição humana perante um Espírito Mau e Enganador (que ilude as faculdades do pensar a partir dos sentidos, proporcionando uma verdade inalcançável). Ambas marcam uma nova forma de pensar.

Há de se destacar que estamos diante de uma época em que há um sucesso do mundo científico em se consolidar em artimanhas de “capturar” a natureza e revelar seus segredos. Para isso, há uma mudança de um mundo da contemplação para um da

fabricação, modificando a própria concepção e método de verdade, pois uma prova teórica é passível de ser verificável. Sendo assim, o novo mundo de experimentação e de experiências científicas, mesmo sendo criado pelo homem, de alguma maneira, possibilita e aumenta o seu poder de criar e de agir; mas, ao mesmo tempo, isso afasta o homem da natureza.

Uma outra concepção que nos ajuda a montar um quadro compreensível da concepção de modernidade em Bauman vem das reflexões de Martin Heidegger. Tomemos, por exemplo, seu ensaio *A época das imagens do mundo* em que ele faz uma longa reflexão sobre a essência da modernidade, a partir do questionamento da “concepção moderna do mundo”. Uma nova concepção porque funda uma nova era ao meditar sobre a essência do ente, e ao decidir tomar uma outra concepção da verdade.

Sintetizando o pensamento do filósofo Heidegger no que nos interessa aqui, para a compreensão da era moderna nos seus aspectos filosóficos, a concepção moderna de mundo distingue-se daquela que sustentava a concepção medieval de mundo, assim como daquela concepção antiga de mundo. Isto porque, é preciso um novo olhar para que haja uma sustentação de uma explicação racional do mundo, na medida em que o homem não representa o mundo em si mesmo, mas cria condições de tentar domar a natureza; com isso, avança no sentido de domar o mundo à sua volta. Afinal, ao se compreender a representação como uma espécie de imagem do mundo, produzida na imaginação do homem a partir da percepção, como bem sintetizou Heidegger, pode-se concluir que é só a partir do final da Renascença que se constitui efetivamente este tipo de representação, principalmente a partir da percepção subjetiva das coisas. É nesse sentido que é possível que haja um sujeito que é, até certo ponto, um ser absoluto, sendo o mundo um espetáculo à parte. E como afirma Heidegger, o que faz da concepção do mundo dos Tempos Modernos, algo totalmente distinto das concepções do mundo medieval e antiga, é que o ente se torne ente na e pela representação. É preciso, então, cautela neste tipo de entendimento: não foi o mundo, enquanto imagem concebida que se tornou moderna, deixando de ser medieval; com efeito, o que caracteriza e distingue os tempos modernos é justamente o mundo ter se tornado uma representação.

A ideia de dominação talvez seja o que mais se aproxima da concepção de Bauman de modernidade. Por exemplo, no *Dicionário Crítico-Hermenêutico Zygmunt Bauman*, em um capítulo chamado *Estado*, podemos ver como a ideia de Bauman sobre a dominação exercida pelos estados é característico dos tempos modernos. Segundo os autores do

dicionário, é isso que aprendemos quando fazemos a leitura das obras *Legisladores e intérpretes: sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais* (2010), *Modernidade e Holocausto* (1998) e *Modernidade e ambivalência* (1999). Trata-se de reflexões que visam uma interpretação do Estado moderno que é adjetivado por Bauman de “jardineiro”, pois estruturado em torno da função de “(...) planejar, projetar e administrar a reprodução da ordem social” (BAUMAN, 2010, p. 116), substituindo as antigas “culturas silvestres” por “culturas de jardim” (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 67).

Segundo os autores, é por essa reflexão que podemos compreender a ideia de modernidade em Bauman:

Foi à luz desse modo de pensar os modernos Estados-Nação que Bauman construiu suas análises a respeito de dois importantes projetos ordenadores do século XX: o nacional-socialismo e o comunismo soviético. Em comum a ambos, a necessidade de controle total da vida que teria resultado em totalitarismos políticos e na completa colonização da esfera privada pela esfera pública, representada pelo Estado com pretensões homogeneizadoras, que resultaram no sufocamento da “diferença”, da polivalência cultural, da política, da moral, transformando o estado de exceção no nomos do espaço político da modernidade (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 67).

É nesse caminho que podemos vislumbrar como a passagem da modernidade sólida para líquida está atrelada a essa concepção de jardinagem. Voltemo-nos novamente ao Dicionário:

Apresentamos, aqui, como a passagem da modernidade sólida a líquida, anunciadas tantas vezes por Bauman, afetou sua própria interpretação a respeito do Estado jardineiro. Já que a tendência totalitária do Estado-Nação, tão proeminente no que o autor chamou de modernidade sólida, se dissipa na variante líquida da modernidade, é menos provável (embora não seja impossível) que eventos idênticos à solução final alemã voltem, de fato, a acontecer, principalmente porque tal operação exigiria grande e poderoso poder estatal, do tipo jardineiro, algo muito difícil (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 67).

Um estado de jardinagem que caracteriza a modernidade significa dizer que é preciso cultivar, mas isso não significa que esteja excluída a barbárie; a qualquer momento ela pode voltar. É o que veremos na citação abaixo:

Se, para Bauman, é inegável que os Estados contemporâneos não podem governar mais o esboço do plano, nem exercer, em absoluto, os sítios de construção da ordem, ainda assim eles têm buscado novos mecanismos que atualizem sua prerrogativa essencial de soberania básica, quer dizer, o direito de excluir. Isso significa que o volume total da violência que ele pode empregar,

inclusive de violência com consequências genocidas, não chegou ao seu fim. (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 69).

A nosso ver, ao pensarmos que a modernidade se deve à liberdade da subjetividade, como foi destacada da leitura de Habermas de Hegel; que o homem se tornou um construtor de sua própria realidade, como pode se ver com Arendt; e como o homem moderno domina o mundo pela técnica, como destaca Heidegger, Bauman teria nos legado uma questão que perpassa essa discussão: tais concepções sempre nos leva a uma forma de violência que está presente na própria concepção de modernidade. Entretanto, Bauman qualifica a modernidade: uma sólida e outra líquida. A ideia de modernidade em geral segue esse ideal de dominação/violência.

Até onde se tem conhecimento, Zygmunt Bauman não trabalhou de forma sistemática o conceito de modernidade – ao menos é o que aponta o dicionário referido anteriormente. Os autores deixam claro no capítulo denominado justamente *Modernidade* que há uma complexidade e indefinição na conceitualização deste termo por Bauman. Afirmam:

A complexidade e a indefinição acompanham as tentativas de compreensão da modernidade em Bauman. Não há muito de pacífico e simples, do mesmo modo que, também, não há sentidos a priori e absolutos nas conceitualizações possíveis para a modernidade como uma categoria central nas análises baumanianas. Uma possibilidade mais segura, consagrada no percurso teórico do filósofo social, ronda uma consensualidade que olha o grande movimento da modernidade como dualista, ambivalente/plurivalente e, portanto, plural. Importante período da história humana, ainda indefinido, mas que já apresenta características que permitem compreendê-lo, pelo menos, de dois modos possíveis: modernidade sólida e modernidade líquida, trabalhados nesta obra, respectivamente, pelo Professor Altair Fávero e colegas e pelo Professor Alexandre Werneck (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 143).

Ou seja, para compreender e dizer o termo Modernidade líquida, os autores do dicionário alertam que esse termo é ambivalente, pois na verdade ele é adjetivado pelo pensador. Difícil, portanto, especificar o que há em comum entre ambos e o que há de divergente. Assim, vemos que se trata de um olhar dualista, ambivalente e plural porque nem sempre tem uma demarcação clara.

Mais difícil se torna se tomarmos ainda o termo pós-modernidade de acordo com Bauman. Ela seria apresentada como um conceito que representa a estrutura sociocultural que vai desde o fim dos anos 80 até os dias atuais. Em resumo, a pós-modernidade consiste em um ambiente em que a sociedade está inserida por aquilo que se entende como

globalização e pelo domínio do sistema capitalista vigente, em que emergem o individualismo, a fluidez e a efemeridade das relações.

O tempo que vivemos é designado por muitos pensadores como pós-modernidade e foi generalizado desde o ano de 1979 pelo pensador francês Jean-François Lyotard – um período em que todas as grandes narrativas (visões de mundo) entram em crise e os indivíduos estão livres para criar tudo novo segundo o filósofo.

Bauman abandona a terminologia *pós-modernidade*, pois ela deixou de ser uma compreensão e passou a ser uma grande corrente de pensamento, tal como alguns autores insistem. Bauman se valerá então da concepção de modernidade líquida para se referir à forma de vida na contemporaneidade.

A dificuldade de compreendermos o que Bauman quer significar com o termo modernidade está no próprio fato de não sabermos ao certo nem mesmo quando poderíamos encontrar uma suposta origem:

O período compreendido como modernidade - no qual ainda nos encontramos - pode ser compreendido, com Bauman e a partir dele, como um período com início discutível, normalmente localizado entre o final do século XIII e o final do século XVII. Bauman (2015), em certo momento, situa o início da modernidade no ano de 1.775, por ocasião do terremoto de Lisboa, seguido de um incêndio que destruiu o que restava e de um tsunami que levou consigo tudo para o mar, mas reconhece que há debates que buscam marcar esse início em princípios e meados do século XX. Tanto a extensão do período quanto as variadas manifestações de ordem econômica, social, política e científica lançam luzes sobre a complexa tentativa de caracterizar e definir esse momento histórico. Contudo, alguns sentidos são possíveis de serem apreendidos a partir das análises tecidas pelas tematizações que Bauman desenvolve. As circunstâncias indicam que a modernidade se desenvolve como um tempo linear, um tempo em que ocorre o triunfo da razão sobre as paixões e a crença da grande contribuição dessa razão no progresso, no desenvolvimento histórico e moral da sociedade. A ambivalência desse plural e complexo período, também pode ter lançado as bases da “Condição necessária do genocídio” (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 143).

O primeiro livro de Bauman faz um trocadilho com a obra de Sigmund Freud denominada *O mal-estar da civilização*. A tese central freudiana nesta obra diz respeito ao mal-estar que é herdado como preço por sermos civilizados, ou seja, foi preciso aos seres humanos trocarem o desejo individual por segurança e ordem, tendo como consequência uma repressão e uma regulação do prazer que geram um mal-estar, um sentimento de culpa. Já no trocadilho realizado por Bauman, ele denomina sua obra *O mal-estar da Pós-modernidade*. Esse mal-estar se deveria aos reflexos do que teríamos vivido da modernidade sólida – momento em que se tinha um aspecto medonho: “o espectro das

botas dos soldados esmagando as faces humanas”. Isso significa, em outras palavras, que a modernidade sólida também tem seu lado sórdido, pois a ideia de estabilidade, seja no Estado, na família, no emprego ou em outras instituições, traz consigo um determinado grau de autoritarismo.

Assim, a modernidade pode ser pensada enquanto uma ideia de controle/dominação, em que há uma imposição de verdades:

A modernidade pode ser estudada como um período da história intelectual essencialmente compulsivo-obsessivo, para Bauman que, de certa maneira contínua no mundo que, nesse momento, compartilhamos. Ela transporta uma visão de mundo concebida como totalidade ordenada, passível de controle, de entendimento/conhecimento total/universal, como também, de domínio, de supremacia do planejamento e da classificação. A modernidade capacita um trabalho intelectual autorizado e autoritário na emissão de opiniões, de verdades, que se legitima por uma “razão legislativa” através de um intelectual legislador - intelectual geral - com conhecimento e poder de validar as condições de verdade, de ciência e de regulação (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 144).

Há também uma quebra. Por exemplo, com os velhos modelos de pensamento linear defendidos, principalmente, pelos iluministas. Este tipo de pensamento era baseado na defesa intransigente da razão e da ciência como parte de um método em prol do desenvolvimento da humanidade. Entretanto, com o avançar das atrocidades que se viu na Segunda Guerra mundial, começou a se constatar um forte sentimento de insatisfação e frustração na sociedade; afinal, o modelo estabelecido com base nos ideais iluministas falhou, por isso a era pós-moderna se voltou às pequenas narrativas, como a história da vida cotidiana e dos grupos marginalizados. Assim, nossa era pode ter sido a exemplificação de como houve uma falência das ideias tidas como certas e verdadeiras tais como pensadas outrora pelos modernos, com o questionamento de grandes utopias e antigas e grandes certezas.

Outro ponto que se deve destacar são os avanços tecnológicos, tais como nos meios de comunicação com a explosão da internet, além do monopólio do sistema capitalista. Essas são algumas das características que, de alguma maneira, ajudaram a fortalecer os princípios que definem nossa sociedade. E é partir desse fenômeno que Stuart Hall discute a subjetividade contemporânea e defende a centralidade da dinâmica social

Mas por que Bauman adjetiva a modernidade de formas distintas? Tentemos ver mais de perto. E com base no nosso estudo, ele, tinha um ponto de vista de que prefere não enxergar uma “pós-modernidade” pois segundo ele a Modernidade não teria acabado e a

''modernidade líquida'' seria então uma espécie de continuação da dita Modernidade com significativas mudanças nas instituições e nas relações sociais em geral dentre outras particularidades e a diferença entre ''modernidade sólida'' e líquida é que a primeira é fortes e duradouros os vínculos e outros aspectos e enquanto na segunda não o são.

Capítulo 2 – Modernidade sólida e modernidade líquida

Apesar de Bauman definir como modernidade líquida um período que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial, ela ficou mais visível a partir da década de 1960. O período anterior foi denominado pelo sociólogo de modernidade sólida. Essa é descrita pela rigidez e solidificação das relações humanas, das relações sociais, da ciência e do pensamento. Baseava-se em estruturas rígidas e duradouras, tendo em conta a tradição. Embora Bauman reconheça aspectos negativos dessa era, os aspectos positivos podem ser ditos como sendo a confiança na firmeza das instituições e na solidificação das relações humanas. Eis um aspecto interessante em que Bauman descreve o “derretimento dos sólidos”:

A tarefa de construir uma ordem nova e melhor para substituir a velha ordem defeituosa não está hoje na agenda - pelo menos não na agenda daquele domínio em que se supõe que a ação política reside. O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo foi redirecionado a um novo alvo, é, um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida (BAUMAN, 2000, p. 12).

Percebemos um caminho argumentativo: trata-se da concepção do derretimento dos sólidos como um traço permanente da modernidade. Ou seja, podemos verificar que a modernidade líquida é oposta a tudo da modernidade sólida. Isto fica evidente e ganha uma dimensão maior a partir de 1960, mas a sua gênese pode ser vista no início do capitalismo industrial: no momento da grande Revolução Industrial em que as relações econômicas ficaram acima das relações sociais e humanas propriamente ditas. Isso abriu espaço para que, aos poucos, houvesse uma fragilidade de laços entre as pessoas e dessas com as instituições. Exemplos não faltam: é só observar o grande desafio que temos de enfrentar atualmente na conciliação entre um ambiente produtivo e significativo escolar, e a concorrência direta da diversidade dos meios tecnológicos da era contemporânea, sendo o jovem lançado e solto na seara das mídias digitais. Vejamos na citação abaixo as consequências do derretimento dos sólidos para a uma nova ordem e um novo momento segundo Bauman:

O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem,

definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordens que substitui, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. A maioria das alavancas políticas ou morais capazes de mudar ou reformar a nova ordem foram quebradas ou feitas curtas ou fracas demais, ou de alguma forma inadequadas para a tarefa (BAUMAN, 2000, p. 10).

É logo após esta argumentação de Bauman a respeito do derretimento dos sólidos que levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais e que sedimentou uma nova ordem, que ele nos diz:

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e a realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscrevem o domínio das ações- escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com a sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar. Quanto aos indivíduos, porém - eles podem ser desculpados por ter deixado de notá-lo; passaram a ser confrontados por padrões e figuras que, ainda “novas aperfeiçoadas”, eram tão duras e indomáveis como sempre. Na verdade, nenhum molde quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que (tão intransigentemente como os estamentos já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar (BAUMAN, 2000, p. 13).

Com esses e outros dilemas das condições existenciais da era moderna é preciso ainda avaliar o impacto da lógica do consumo que coloniza inclusive a esfera moral das pessoas. Assim, os sujeitos passam a ser analisados não pelo que são, mas sim pelo que compram: *o ter em detrimento ao ser*. Ser é algo que nos remete a uma identificação, mesmo que ela se modifique ao longo dos anos; se identificar com o que se tem, ao contrário, não nos mostra o que a pessoa é, mas seu poder de ter algo.

Ao lado da ideia do ter, tem-se a questão da rapidez, do imediato. Pensamos sobretudo no indivíduo que recebe uma verdadeira enxurrada de informações a todo momento. Diante dessas “enxurradas”, nenhuma dessas informações parecem significativas para o indivíduo. Esse é o paradoxo: nunca tivemos em toda a história da humanidade tantos meios tecnológicos, mas as informações que delas tiramos não fazem senão desviar a atenção dos jovens, levando-os, no fundo, à desinformação e à desilusão. Um exemplo claro

disso é são os chamados influences digitais, que, pipocam a todo momento na internet, são na sua grande maioria vendedores de ilusão, que na verdade o seu brilho é um funil que poucos alcançam e o que eles oferecem pouco acrescentam na vida das pessoas. Isso, justo no momento em que a humanidade caminha na grande abertura para as possibilidades antes inimagináveis em que tudo pode acontecer no toque dos seus dedos.

Este paradoxo acima mencionado contraria o que compreendemos no desenvolvimento do ser humano em sua *formação*. O que vemos é que o ser humano prefere ser efetivado no cargo de mero reprodutor de “falácias digitais”, em detrimento ao que ele poderia ser; e, pior, é desta “tragédia anunciada” é que os frutos serão colhidos logo na área da educação como.

O que se verifica, afinal, é como há uma profunda mudança na concepção de sujeito com o advento da “modernidade fluida”; ela modifica nossa condição humana segundo Bauman. Que se veja na passagem abaixo:

Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. O fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não-estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical e requer que repensemos os velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas. Como zumbis, esses conceitos são hoje mortos-vivos. A questão prática consiste em saber se sua ressurreição, ainda que em nova forma ou encarnação, é possível; ou - se não for - como fazer com que eles tenham um enterro decente e eficaz (BAUMAN, 2000, p. 14).

Com o conceito definidor de ser líquido, nossas relações se tornam menos frequentes e duradouras, sendo a insegurança e a efemeridade sentimentos constantes que marcam e caracterizam primordialmente a nossa condição humana atual. Nos tempos atuais, o que leva ao surgimento de um sujeito líquido, fragmentado e diluído, também é o derretimento das próprias instituições e das relações humanas estabelecidas anteriormente. Sendo a incerteza, a insegurança e a efemeridade o que nos restam.

Como consequência, Zygmunt Bauman faz um alerta interessante sobre a dificuldade de convivermos com a diferença, uma vez que se espera uma homogeneidade nas relações humanas. Isto é exposto em um capítulo denominado *Tempo/ espaço tóxico não fale com estranhos encontrados* na obra *Modernidade Líquida*:

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de

todas as decisões classificatórias, ao contrário, se auto perpetuam e reforçam (BAUMAN, 2000, p. 123).

Este é um ponto de ligação entre a ideia de que naturalizamos certos valores, crenças, formas de vida etc. com a reflexão de Bauman: naturalizamos valores homogêneos em que se torna difícil ao homem explorar sua capacidade de aceitar as diferenças e conviver com elas. Naturalizando esses valores, dizendo que “sempre foi assim” e que nunca haverá mudanças, nos impossibilita que façamos alguma mudança. Revela-nos também a incrível capacidade de não aceitarmos a diferença diante da diversidade existencial do mundo. Assim, a naturalização passaria a ser um mecanismo ilegítimo de “justificação” daquilo que fere os princípios básicos de respeito humano.

Além disso, ao conceituar a imersão do homem em sua individualização, Bauman traz o aspecto da liberdade como uma virtude que deveria ser pensada não singularmente, mas coletivamente. Vive-se, segundo o autor, uma crise que negligencia as primeiras características do homem: o relacionamento e o viver em conjunto. Na verdade, esse discurso legitima todo o sistema capitalista vigente em prol do mercado e do consumo, que serve como intuito de preencher um vazio nas pessoas (em seus ideais) que cada dia aumenta gradativamente. O surgimento de tantos recursos tecnológicos ligados à era moderna, muitas vezes, em vez de ser útil para nós, acaba servindo para preencher uma dimensão vazia do ser humano, em que se expõe a perda da nossa identidade individual e coletiva.

Essa reflexão nos leva a pensar que o sujeito líquido é caracterizado por não ter uma identidade própria, vivendo em um vazio de sentido, e em um vazio de emoções; acima de tudo, destituído de valores morais que o ampare. Aliás, esse ser não teria um porto seguro em nenhum lugar, já que ele mesmo aniquila a presença do próximo e passa a existir enquanto um indivíduo sozinho meio à multidão. Como foi referido ainda há pouco, ele vive em função do aniquilamento do outro. Poderíamos mesmo afirmar que seu grande mérito seria não se importar com nada sólido, pois poucas coisas, como o “ter” algo e o “imediate”, valem a pena para ele.

Um tópico bastante significativo para a compreensão do surgimento do sujeito líquido moderno está no capítulo 3 da obra *Modernidade Líquida* denominado *Da modernidade pesada à modernidade leve*. Quanto à modernidade pesada, Bauman afirma que ela é obcecada pelo volume; uma modernidade do tipo “quanto maior, melhor”, “tamanho é poder, volume é sucesso” (BAUMAN, 2000). A modernidade pesada também

teria sido uma era de conquista territorial. Já a modernidade leve é a era do software, de em lugar nenhum, em “nuvens”, como se denomina os arquivos disponíveis na internet. Ocorre, portanto, uma grande mudança na questão do tempo e do espaço: eles se tornam imediatamente disponíveis. Isso é conceituado na citação a seguir:

Na conquista do espaço, o tempo tinha que ser flexível e maleável, e acima de tudo tinha que poder encolher pela crescente capacidade de “devorar espaço” de cada unidade: dar a volta ao mundo em 80 dias era um sonho atraente, mas ser capaz de fazê-lo em oito dias era infinitamente mais atraente. Voar sobre o Canal da Mancha e depois sobre o Atlântico eram os marcos pelos quais se media o progresso. Quando, porém, chegava o momento da fortificação do espaço conquistado, de sua colonização e domesticação, fazia-se necessário um tempo rígido, uniforme e inflexível: o tipo de tempo que pudesse ser cortado em fatias de espessura semelhante e passível de ser arranjado em sequências monótonas e inalteráveis (BAUMAN, 2000, p. 134).

Logo à frente, Bauman vislumbra, através das suas reflexões, que “o tempo rotinizado prendia o trabalho ao solo, enquanto a massa dos prédios da fábrica, o peso do maquinário e o trabalho permanentemente atado acorrentaram o capital. Nem o capital nem o trabalho estavam ansiosos para mudar, e nem seriam capazes disso”. Neste contexto, Bauman é um analista das consequências sociais do que conhecemos como progresso. Ele também pensa que consumir (e ser consumido) se tornou não apenas o verdadeiro propósito de existência para um número crescente de pessoas, mas também uma condição de reprodução do nosso modelo social, em que tudo se transforma em moeda de troca simbólica (BAUMAN, 2000).

Dentro da modernidade sólida, Bauman destaca como os conceitos, ideias e estruturas sociais eram mais rígidos e inflexíveis. É como se o mundo tivesse mais certezas e menos incertezas. E a mudança ou a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida acarretou mudanças profundas em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida é uma espécie de mundo repleto de sinais confusos e opacos; um mundo propenso a mudar com uma rapidez impressionante e de forma imprevisível. Entretanto, essa nova forma de ser, como afirma Bauman, também trouxe maior independência aos indivíduos do que houve nas gerações anteriores: a sensação de liberdade individual teria sido atingida. Por outro lado, essa liberdade não é a certeza de um estado de satisfação plena. Ela, de certa maneira, responsabiliza os indivíduos pelos seus atos. Dito em outras palavras:

O movimento da modernidade mais recente assume um sentido especial, em Bauman, porque se aproxima de uma consciência de si mesma enquanto grande movimento; mais consciente de suas limitações e de suas possibilidades, embora, também, ardilosa na consecução de suas ambições. A modernidade dos tempos que compartilhamos está esvaziada em suas ilusões. Parece haver uma operação de desmonte sem perspectiva de alguma permanência, que coloca os acontecimentos, as narrativas e os sentidos de grande parte de tudo, na condição de temporário (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 144).

Essa outra passagem também é esclarecedora neste aspecto:

Diferentemente da modernidade que legou o espírito de produção, de controle, de jardinamento, de arquitetura, a modernidade de hoje é “leve” e opera na dinâmica da “instantaneidade”, o que significa que se caracteriza por “buscar a gratificação evitando as consequências, e particularmente as responsabilidades que essas consequências podem implicar (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 145).

Na medida em que a incerteza se instala e que o futuro se torna incerto, vê-se no senso coletivo uma dominação do viver intensamente o momento presente, do agora. Entretanto, o poder do agora, em certas circunstâncias, gera uma instabilidade e uma ausência de perspectiva que também pode gerar uma angústia por uma paradoxal certeza de um futuro incerto; a solução parece ser navegar no vazio – algo que o poder do agora pode proporcionar segundo Bauman. Viver essa situação pode resultar em uma paralisação da ação e na incapacidade de agir. Em uma entrevista de Bauman para o jornal argentino *Clarín*, ele declarou que escolheu chamar de ‘modernidade líquida a crescente convicção de que a mudança é a única coisa permanente e a incerteza é a única certeza. (2013 A Modernidade Imediata é ‘líquida e ‘veloz’, mas dinâmica que a modernidade. 02/05/2013| Clarín). Ele afirma ainda que se busca um estado de maior solidez devido a esse estado de incerteza.

De certa forma a modernidade sólida é forte na medida que as suas relações são duradouras, com formação de vínculos estáveis, sendo, esta uma característica importante desta fase, mas, não que o Bauman seja um eterno saudosista dela, ele, a concebe e a reflete no sentido de entendimento e delimitação e também de definição da chamada modernidade líquida, já, que justamente nestas características ambas se diferenciam e muito. Uma modernidade que na sua essência têm a proeza de conta com as relações humanas, fortes e duradouras e a outra frágeis e efêmeras no mínimo nos deixa intrigados de como se formou estes tipos de relações humanas e este será o próximo passo que será sintetizado no capítulo a que segue.

Capítulo 3 – As formas de relações na modernidade líquida

A priori pode ser dito que as formas de relações sociais estão umbilicalmente ligadas à dimensão educacional do ser líquido na medida que aquilo que é visto na sociedade é reproduzido automaticamente dentro dos muros das escolas, seja, nas mentalidades e também nas formas de comportamento social. E para que se possa adentrar um pouco mais naquilo que Bauman reflete sobre as formas contemporâneas de relações entre as pessoas, é preciso expor algumas das características marcantes da modernidade líquida. Um primeiro ponto é a ruptura com os ideais iluministas que eram enfatizados durante a era moderna, junto com os sonhos utópicos da construção de uma sociedade com bases científicas e com princípios até então tidos como verdadeiros e únicos como destacamos. Com essa ruptura, há a substituição do pensamento coletivo pela elevação do sentimento de individualismo (representado pelo narcisismo, hedonismo e consumismo). Vê-se também uma ênfase na valorização do “aqui-agora” que passa a ser soberano, assim como a criação de uma hiper-realidade em que há uma mistura entre o real e o imaginário. E diga de passagem estes dois aspectos deram origem ao fantástico que é uma das marcas da produção literária da modernidade e neste sentido acaba sendo positivo para a sociedade.

No meio a esses valores, como o individualismo e o consumismo, os tipos de relações humanas que se formaram são marcados pela efemeridade segundo Bauman. Ou seja, assim como as relações se constroem facilmente, como nas redes sociais, elas também se dissolvem. Que se veja como estamos distantes da época que Bauman denomina modernidade sólida:

Segundo os passos de Bauman, pode-se dizer que a modernidade sólida era caracterizada pela rigidez e solidificação das relações humanas e sociais, pavimentada pela própria ciência e planejada pelo pensamento. Dessa forma, relações sociais e familiares eram rígidas e duradouras, pautadas pelo cuidado com a tradição. Assim, destaca-se a confiança na rigidez das instituições e na solidificação das relações sociais. Na era sólida, os valores se transformavam em ritmo lento e previsível, o que gerava certa nostalgia com a sensação de controle sobre: o mundo, a natureza, a tecnologia e a economia, por exemplo (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 147).

Sem querer ser saudosista, mas pelo caráter provocativo, Bauman insiste sobre a instabilidade, fragmentação, descentralização e multipluralidade presentes em nossa sociedade. É por isso que é preciso a Bauman adjetivar de forma diversa a modernidade:

como sólida e líquida. A modernidade não seria um período unívoco com as mesmas características. Ela passou por estados distintos.

O sujeito líquido descrito por Bauman ganha a característica peculiar de ser fluido, com grande capacidade de flexibilização e de adaptação a diversas mudanças comportamentais, de ideias e de sentimentos variados.

A modernidade sólida, contudo, começa a sofrer mudanças a partir dos anos 1960 e 1970, quando começam a se enfraquecer as instituições, costumes e certos dogmas que forneciam as diretrizes para o indivíduo construir sua identidade, como as crenças religiosas, a família e a escola. Sobretudo, após a queda do Muro de Berlim, em 1989, essa modernidade “sólida” estaria em desintegração e seria gradualmente substituída por uma modernidade “líquida”. De acordo com Dalcin e Silva (2016), na modernidade dita líquida, os sólidos são derretidos, mas não emerge nada mais sólido em seu lugar. Essa mudança social e histórica assume assim condição de constante mudança, não tendo, portanto, previsão de término. Isso significa que as instituições, referências, estilos de vida e até mesmo crenças e convicções mudam antes de terem tempo de se solidificar em costumes e hábitos (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 151).

A segunda metade do século XX é caracterizada como sólida, pois vivíamos, segundo Bauman, em uma época em que se tinha uma noção de comunidade e, por isso, se valorizava as ligações entre as pessoas de uma comunidade, formando um elo seguro e confiável. Essa forma de vida trazia um sentimento de durabilidade e uma sensação de segurança:

Para Bauman, na modernidade sólida, a comunidade tinha um significado maior para o indivíduo, pois ele nascia, crescia e formava sua identidade a partir da comunidade. O emergir da individualidade enfraqueceu os vínculos sociais e fez com que a comunidade perdesse o poder e/ou o interesse de regular normativamente a vida de seus membros. No entanto, os indivíduos ainda buscam a comunidade como possibilidade de tranquilidade e segurança (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 119).

Essa mudança é tão significativa em nossas relações sociais que modifica nossas relações em todas as esferas possíveis, tais como no trabalho, na família, no amor, na amizade e na sociedade de uma forma geral ou até mesmo na própria identidade pessoal. Daí porque Bauman insistirá que a modernidade líquida gera relações líquidas. É isso que é ressaltado por Bauman em sua obra denominada *Amor Líquido*: as relações afetivas perderam justamente a estabilidade e a consistência que existia na modernidade sólida.

Em uma entrevista para a revista Istoé no ano de 2015, Bauman, disse o seguinte ao ser questionado a respeito do significado de amor líquido:

Amor líquido é um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxeram satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma “líquida”, o amor tenta substituir a qualidade por quantidade — mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um “objeto encontrado”, mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade. (BAUMAN in Istoé, n. 2716, p. 15).

Há uma relação interessante naquilo que Bauman chama amor líquido e a sociedade de consumo. Nessa sociedade, o amor se dá tal como uma mercadoria, um bem de consumo: só existe enquanto houver satisfação; quando não, é descartado como algo que não tem mais valor. É como se as pessoas fossem guiadas pelo ideal de consumo. Ora, se as grandes ideologias do passado foram os alicerces de uma determinada sociedade, o consumo se tornou um elemento central na formação da identidade do sujeito líquido. Como consequência, indo além da satisfação imediata de consumir, o ter tornou-se mais importante que o ser. É verdade que a vida nos traz várias escolhas e possibilidades, e que podemos escolher consumir produtos que se identifiquem ao nosso estilo de vida e de comportamento. Entretanto, podemos transformar tudo em mercadoria e nossa identidade acaba se resumindo na satisfação do prazer pelo consumo. Nossa aura acaba se tornando as marcas e as grifes que possuímos; nossa identidade, a síntese do que temos; nossas formas de reconhecimento, o status social que possuímos etc. De uma forma hipotética, satisfazer-se por completo seria, na realidade, não ter mais nada para consumir. Hipotética, pois a concepção de consumir também traz seu viés de descartar. Sendo assim, nenhum objeto pode de fato satisfazer alguém senão momentaneamente.

Pensemos isso nas relações humanas: nos relacionamos com alguém, como consumimos e como uma mercadoria? E a ideia de descarte? Se somos descartáveis, devemos ser também a todo momentos atrativos para os outros. É por isso que os sujeitos líquidos modernos necessitam se reinventar para se superarem, para não serem obsoletos. Mas a lógica continua a mesma para Bauman: na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem virar mercadoria; e todos devem, de algum modo, reanimar, ressuscitar e recarregar sua forma de ser de maneira perpétua para que seja, como uma mercadoria, vendável. Tal posição envolve outras questões:

Significa dizer que o consumismo é uma prática irracional e desnecessária, que não observa a procedência dos produtos consumidos, como, por exemplo, a

modalidade de trabalho envolvida ou o impacto ambiental no processo de produção, é, também, desmedida, impulsiva e egoísta, pois norteia o estilo de vida de muitas pessoas como prioridade e legitima o discurso da exclusão social (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 45).

Na argumentação seguinte, nesta mesma página do dicionário de Bauman, vemos uma das questões centrais sobre o consumismo. Ou seja, aquilo que ele nos leva ao vazio, uma vez que nenhum objeto é, no fundo, capaz de nos satisfazer. Para Bauman, o que perdemos nas relações humanas é o relacionar com o outro como sujeito; ao nos relacionarmos com o outro como um objeto, tratamo-nos como uma mercadoria, e por isso sempre estaremos às voltas com um vazio transvestido de “satisfação pessoal”, mas ilusório. Lemos:

Outrossim, seduz as pessoas pela falsa promessa de preenchimento de seus vazios existenciais e carências, travestido de satisfação pessoal, realização e sucesso. Na busca pela aceitação, as pessoas acreditam estar fazendo o melhor para o seu bem estar, garantindo sua posição e inclusão social pela métrica da demonstração de sua capacidade de consumo. Por isso, em nome do conforto e do respeito, a sociedade de consumidores ignora qualquer método reprovável para a realização dessas promessas. Entretanto, tais desejos jamais são saciados e a busca é contínua e incessante, quando um desejo é realizado logo outro irá surgir e, assim, sucessivamente. Por consequência, esses comportamentos desencadeiam em “síndrome consumista”, acompanhados por excesso, velocidade e instantaneidade (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 45).

Essa ideia de instantâneo, de consumo imediato, nos leva a pensar a questão do espaço-tempo. E compreender o conceito de espaço-tempo em Bauman é o mesmo que explicar a diferença entre a modernidade sólida e a modernidade líquida. Na verdade, trata-se de uma concepção que tem tanto um viés de ordem moral quanto de ordem econômica.

Na obra *Tempos Líquidos* (2007), Bauman destaca como aquela transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, mudas nossas relações com as organizações sociais e as instituições. Por isso, essa transição leva em conta também os valores, as relações humanas, a religião, os princípios morais, a forma que pensamos a família tradicional, o conceito de liberdade, a previsibilidade de nossas expectativas e as estruturas socioeconômicas. A fluidez em que vivemos, é característica de nossa cultura do imediatismo:

Bauman faz uma reflexão sobre a percepção do tempo na sociedade líquida na qual a fluidez cria uma cultura imediatista, de curto prazo, o que leva os indivíduos a se tornarem consumidores, que precisam realizar seus desejos e necessidades de forma instantânea, em fração de segundos. Os indivíduos que vivem na sociedade líquida têm pressa e não possuem tempo e energia para se

concentrarem em um projeto de longo prazo pelo medo de perderem uma oportunidade do momento e serem superados pelas rápidas mudanças (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 60).

Na visão de Bauman, esse tipo de relação com o espaço-tempo, também das relações entre as pessoas e a forma como o consumismo é incorporado em nossas vidas, nos conduz a uma sociedade com um individualismo exacerbado que contribui com a fluidez e a efemeridade das relações humanas. Se a busca da tão sonhada felicidade se torna estritamente individual, ocorre uma ânsia em tê-la a qualquer custo, pois se acredita que ela depende somente do próprio indivíduo. Para Bauman, o sujeito líquido moderno é impulsionado pelo incessante desejo de um querer que busca novas maneiras de realizações, de experiências e também de valores. Nesta concepção, a vida moderna é uma sucessão de instantes e momentos que acaba mudando nossa percepção do tempo presente, como se observa na citação abaixo:

Para Bauman, “a vida seja individual ou social, não passa de uma sucessão de presentes, uma coleção de instantes experimentados com intensidades variadas”. O tempo atual não é mais percebido como tempo cíclico, linear. Na sociedade atual, o tempo é pontilhista, ou seja, é percebido de forma fragmentada, ESPAÇO E TEMPO pulverizada, em multiplicidade de instantes que não possuem coesão; não é algo contínuo, mas cheio de rupturas e descontinuidades “dentro de uma mesma realidade que se dá a partir de um contexto cultural onde se prioriza a ação individual” [BAUMAN] (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 60).

Levantar a questão do individualismo na sociedade moderna é de alguma maneira conceber e revelar a alma do sujeito líquido moderno, em que a expressão máxima do eu prevalece. É por isso que Bauman discute, reflete e concebe sobre o impacto desse individualismo na sociedade, apontando os rumos que nossa sociedade vem tomando por essa escolha. O que se pode destacar desses rumos é que, com o individualismo, o indivíduo fica cada vez mais despreparado para enfrentar as interações que envolve o coletivo; enfrenta também uma grande dificuldade de respeitar as diversidades existenciais. O que vemos de um modo geral como consequência imediata disso, é o crescente isolamento social e um grande número de pessoas que escolhem viver de forma solitária. Tais escolhas enfraquecem a solidariedade humana e mesmo leva a pessoa a se ver imune perante o sofrimento alheio.

Bauman destaca como as relações humanas hoje acontecem em sua maioria em redes sociais e não mais em comunidade tal como em um passado recente que ele mesmo

vivenciou. Em redes, os relacionamentos passam a ser chamados de conexões. Conexões que, com a mesma facilidade que começa, podem ser feitas e desfeitas num instante qualquer. Estamos, portanto, sempre aptos a nos conectarmos e desconectarmos conforme nossa vontade. Como consequência, há uma dificuldade na formação e na manutenção de laços afetivos a longo prazo. Bauman também pensa que as redes sociais significam uma nova maneira de assentar vínculos, porém elas não concretizaram uma conversação real. As redes se fecham em círculos específicos de pessoas que pensam de uma mesma forma até certo ponto; quando a pessoa se desinteressa, passa a uma nova rede de pessoas; ou quando se é contradito etc. Ou seja, simplesmente se desliga de um grupo sem qualquer carga de culpa, pois não se passava de relações líquidas. No dicionário de Bauman há uma passagem que caracteriza o sujeito líquido e o advento da internet:

Portanto, frente a tantas diversidades, discórdias, revoltas terroristas, atitudes tiranas, gerando estado de cegueira moral, é importante entender, segundo Bauman, que a internet, sem dúvida, não é a causa do número crescente de internautas moralmente cegos e surdos, mas ela facilita e alimenta demais esse crescimento. Seja na internet ou fora dela, no contexto de Sociedade líquida, a primeira reação à presença de um outro tende, assim, a ser de vigilância e suspeita, medo e ansiedade. Bauman define o fenômeno contemporâneo como Interregno, “no qual estamos vivendo agora: um espaço e um tempo estendidos, móveis e imateriais, sobre os quais reina o princípio da heterogenia de fins, talvez como nunca antes.” Um interregno estabelecido, suspendendo a obediência aos princípios morais efetivos e não simplesmente de rotulagem, de forma sem conteúdo, de aparências (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 77).

É verdade que a internet facilita a vida de milhares de pessoas a se conectarem. Pessoas de países diferentes que provavelmente nunca se veriam se tornam amigos virtuais; antigos amigos são encontrados etc. Ou seja, há um lado que as redes nos disponibilizaram como nunca tivemos acesso antes. Por outro lado, modificamos as formas de nos relacionar, no devir das possibilidades em aberto e do fazer acontecer. É esse lado que Bauman destaca enquanto um “conectar e desconectar”. Essa possibilidade de desfazer amizades em segundos, por exemplo, é uma característica importante desses contatos em que as relações são desfeitas ao primeiro sinal de descontentamento – algo que caracteriza a sociedade líquida. Para Bauman, o atrativo da amizade no Facebook é que é fácil se conectar; mas a grande atração seria a facilidade que se pode desconectar.

Pensemos por exemplo como a ideia de se criar comunidades em rede pode ter dado um sentimento de solidez e promessa de segurança, já que, afinal, os indivíduos se unem de alguma forma. Mas o que vemos é uma insegurança generalizada devido a

condições de vida de medo, desemprego, exclusão etc. – passamos a viver em um mundo globalizado cada vez mais móvel e desintegrado, mesmo que a internet possa nos dar a possibilidade de união. Deste cenário, de descarte de mercadorias, pode muito bem virar descarte do ser humano – se tornando uma mercadoria, nada impede de ser descartado, desconectado, isolado, excluído.

Enquanto uma mercadoria que pode ser rotulada, transformada, fluida, nos remetemos à questão da identidade pessoal. Lembremos, por exemplo, da entrevista de Bauman ao jornal Extra de setembro de 2015. Nessa entrevista, ele afirma que “Vivemos a passagem do tempo sem seta e sem direção, dissipado numa infinidade de momentos, cada um deles episódico, fechado, curto, apenas frouxamente conectado com o momento anterior ou o seguinte, numa sucessão caótica”. É como se as pessoas corresse o tempo todo atrás de algo que elas mesmas não sabem do que se trata; é como se, nesse vazio existencial, elas perdessem as oportunidades que são imprevisíveis e incontroláveis. Na fala do próprio Bauman: “Tudo se liquefaz, tempo e espaço assumem novas e rápidas configurações no capitalismo global”.

Quanto ao espaço, Bauman destaca como se encurtaram as distâncias. Se antes a comunidade partilhava uma experiência de vida, trabalho e relações intersubjetivas em comum, vivemos hoje em interações atópicas, virtuais, sem uma interação direta. Ao diluir fronteiras, acabamos aumentando a distância nas interações concretas, precarizando as relações no mundo do trabalho, da educação, dos laços afetivos, das estruturas sociais, das políticas econômicas e da democracia. Enfim, o que se vê é que aumentou as desigualdades sociais num tempo efêmero e fragmentado. Sendo assim, o medo e a incerteza assombram os indivíduos no início do século XXI, atravessado pelo sentimento de impotência.

Uma consequência dessa nova forma de ser é agravada pelo desapego aos seus antecedentes. O indivíduo se torna também a-histórico, pois fascinado pela novidade, rompe com os ideais passados e passa a viver em uma espécie de eterno presente. Há, portanto, mudanças importantes, pois, como aponta Bauman, chega-se até mesmo a conceber um colapso do pensamento do planejamento e da ação a longo prazo:

De acordo com Bauman, o colapso do pensamento, do planejamento e da ação, em longo prazo, e desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais, torna os indivíduos reféns do mercado de trabalho no mundo globalizado em que a competição e a luta para se manterem em uma atividade laboral, em constante mudança, remete ao individualismo, ao medo, à angústia e ao risco de perder o momento de participar desse mundo (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 62).

Nesse contexto, as instituições ficaram estremecidas. O emprego tornou-se um empreendimento completamente individual no momento em que o indivíduo se tornou um “empreendedor de si mesmo”. Se alguém não obtém sucesso nessa lógica da modernidade líquida, a responsabilidade é completamente individual. Bauman, aliás, cita Kundera – autor que, no ano de 1984, escreveu *A Insustentável Leveza do Ser*, seu trabalho mais popular. O livro é como uma grande crônica acerca da frágil natureza do destino, do amor e da liberdade humana. Ele mostra como uma vida é sempre um rascunho de si mesma, como ela nunca é vivida por inteira, como o amor pode ser frágil e como é impossível de repetir. A obra, sucesso de público e crítica, ganhou sua versão cinematográfica no ano de 1988. Não por acaso, Bauman abre um tópico interessante em seu terceiro capítulo de *A Modernidade Líquida* denominado *A sedutora leveza do ser* com uma análise do tempo instantâneo e sem substância do mundo do software. Destaca que se trata de um tempo sem consequências. Vejamos algumas características do sujeito líquido moderno e a sua sedutora leveza do ser:

O tempo instantâneo e sem substância do mundo do software é também um tempo sem consequências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” - mas também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e portanto para calcular seu “valor perdido”, perderam muito de seu significado - que como todos os significados derivam de sua rígida oposição. Há apenas “momentos” - pontos sem dimensões. Mas, será ainda um tempo - tempo com a morfologia de um agregado de momentos (BAUMAN, 2000, p. 137).

Através desta explanação a respeito do tempo instantâneo e sem substância, sem consistência, tendo como pano de fundo a obra de Kundera, é que vamos perceber o que Bauman descreve sobre o indivíduo contemporâneo: um indivíduo flexível, adaptável, procurando a todo momento algo novo e pronto a mudanças. Ou seja, o indivíduo não se prende a nada e não se aprofunda em nenhuma questão: ele passa de uma coisa à outra como se dá com o desejo humano. Por isso, as qualidades e as características de ser flexível e adaptável às circunstâncias passou a ser a marca primordial do ser líquido moderno. Ele ficaria, portanto, a todo momento refém da volatilidade e flexibilidade da agência humana. Mas ainda não teríamos chegado em seu ápice segundo Bauman.

Sendo assim, Bauman é categórico em afirmar que ainda não se realizou a leveza como também não se realizou a infinita volatilidade e flexibilidade da agência humana, como podemos acompanhar na citação a seguir:

Mesmo a tecnologia mais avançada, armada de processadores cada vez mais poderosos, ainda tem muito caminho pela frente até atingir a genuína “instantaneidade”. E em verdade a consequência lógica da irrelevância do espaço ainda não se realizou plenamente, como também não se realizou a leveza e a infinita volatilidade e flexibilidade da agência humana. Mas a condição descrita é, de fato, o horizonte do desenvolvimento da modernidade leve. E, o que é ainda mais importante, é o ideal do buscar sempre, ainda que (ou será por quê?) para nunca alcançar plenamente, de seus principais operadores, o ideal que, no surgimento de uma nova norma, penetra e satura cada órgão, tecido e célula do corpo social. Milan Kundera retratou “a insustentável leveza do ser” como o centro da tragédia do mundo moderno (BAUMAN, 2000, p. 138).

A infinita volatilidade e flexibilidade da agência humana, como diz Bauman, serve tanto para o mundo dos negócios e empregos, como para as relações humanas e as instituições de uma maneira geral. Afinal, as relações humanas ficaram extremamente abaladas com o surgimento da modernidade líquida.

Como destacado, Bauman usa o termo “conexão” para nomear as relações na modernidade líquida no lugar de relacionamento, pois o que se passa a desejar a partir de então é algo que possa ser acumulado em maior número; mas algo com uma superficialidade suficiente para se desligar a qualquer momento. A amizade e os relacionamentos amorosos são substituídos por conexões que, a qualquer momento, podem ser desfeitas.

É por isso que a modernidade líquida é compreendida como ágil, pois acompanha a moda e o pensamento da época. A ciência, a técnica, a educação, a saúde, as relações humanas e todos os outros domínios humanos que compõem a sociedade são submetidos à lógica capitalista de consumo. É por esse viés que pensamos que a sociedade atual, tal como caracterizada por Bauman, caminha a passos largos para um verdadeiro “abismo existencial” – uma espécie de buraco sem fundo em que o indivíduo cai e *não tem onde se apoiar* em sua existência. Cair na incerteza na esperança de encontrar algum apoio que parece fugir sempre.

Depois de assistirmos ao surgimento de tantos recursos tecnológicos ligados à era moderna, e de acompanharmos, ao mesmo tempo, uma dimensão vazia do ser humano, vê-se que o surgimento do sujeito líquido moderno. Deveremos também constatar como a arte

de negociar interesses comuns e um destino compartilhado na sociedade atual vem caindo em desuso ou raramente é praticada como, por exemplo, a ideia do “bem comum”. Ele é visto atualmente com suspeição, como ameaçador, nebuloso ou confuso. O que move um ser líquido é seu bem individual, não em função de interesses compartilhados. É o bem individual que foi naturalizado em nossa sociedade como o modo mais sensato, eficaz e lucrativo de proceder.

A incerteza, a insegurança, a instantaneidade passam a ser fundamentos para a compreensão da modernidade líquida e do ser líquido moderno. Bauman é enfático em dar uma consequência para essa lógica que, na verdade, repete uma lógica de dominação que também estava presente na era sólida: “pessoas com as mãos livres que mandam em pessoas com as mãos atadas; a liberdade das primeiras é a causa principal da falta de liberdade das últimas - ao mesmo tempo em que a falta de liberdade das últimas é o significado último das liberdades das primeiras”. Que se veja:

Nesse aspecto, nada mudou com a passagem da modernidade pesada à leve. Mas a moldura foi preenchida com um novo conteúdo; mais precisamente, a busca da “proximidade das fontes da incerteza” reduziu-se a um só objetivo - a instantaneidade. As pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam. E são as pessoas que não podem se mover tão rápido - e, de modo ainda mais claro, a categoria das pessoas que não podem deixar seu lugar quando quiserem - as que obedecem. A dominação consiste em nossa própria capacidade de escapar, de nós desengajar se, de estar “em outro lugar”, e no direito de decidir sobre a velocidade com que isso será feito - e ao mesmo tempo de destituir os que estão do lado dominado de sua capacidade de parar, ou de limitar seus movimentos ou ainda torná-los mais lentos. A batalha contemporânea da dominação é travada entre forças que empunham, respectivamente, as armas da aceleração e da procrastinação (BAUMAN, 2000, p. 139).

Juntando estes e outros aspectos, é possível observar o nascimento e a caracterização do sujeito líquido moderno: ele passa a existir como um ser vazio de sentidos e oco nas emoções, vivendo e se importando apenas o tempo imediato. Não é por acaso que todos buscam ser bem-sucedidos ou ter um momento de fama mesmo que isso lhe custe sua dignidade ao se expor em situações vexatórias e ridículas nas redes sociais. É um ser que busca rápidos flashes existenciais, vivendo e se importando por pequenos e insignificantes momentos de felicidade. E isso em uma época em que a humanidade alcançou sua maior evolução tecnológica, em que tudo acontece em um apertar de um botão – a vida em um toque.

Por outro lado, não podemos classificar as concepções de Bauman simplesmente como uma visão pessimista da vida que impera e predomina na atual modernidade líquida, pois ele acredita na força das possibilidades humanas. Assim, mesmo em meio aos egos elevados, às banalidades da existência humana e à crescente necessidade de construir laços humanos seguros, ainda haveria esperança para uma nova forma de pensar e agir. É o que destacam Vicente, Nicodemos e Pithan:

Por outro lado, a teoria da Modernidade líquida de Bauman também acredita na força dos aspectos positivos que caracterizam o atual contexto. Mesmo em meio ao tórumo, aos muros, aos egos exacerbados, à banalidade e ao medo, há também a necessidade dos laços humanos para gerar segurança. É como se fosse um fiozinho condutor de fé. Esperança, elemento tão trabalhado nas últimas obras de Bauman, principalmente no livro *Babel* (2016) - talvez o que resumiria bem o lado otimista da visão “baumaniana”. Assim, entre ego e conflitos sociais; entre incerteza e ansiedades, haveria esperança. Alimento para pensar e o agir (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 74).

Há, entretanto, um importante componente que pode modificar esses conflitos nas questões complexas que envolvem o sujeito líquido moderno e na resolução das suas inquietações segundo Bauman: seria o diálogo e a conversa, o poder de negociar que vale para as crises migratórias e outras situações. Buscar um diálogo informal, sem fixar regras e procedimentais antes seria um caminho possível para a compreensão mútua, o respeito recíproco e um acordo entre as pessoas.

As duas teses levantadas acima, a de que Bauman não tem uma visão pessimista das coisas e de que ele busca o diálogo como uma solução em torno de alguns problemas modernos, podem ser sintetizadas a seguir:

Assim, como foi otimista para encerrar, Bauman cita Richard Sennett e Kwame Anthony Appiah, explanando sobre a “conversa – o diálogo”. Explica a fundamental importância da “conversa” como instrumento negociador dentro da crise migratória e, conseguinte, da relação com “os outros”, os diferentes, ou mesmo aqueles considerados, infelizmente, “estranhos” em nossa sociedade. Para Bauman, Sennett e Appiah, todo diálogo deveria ser “informal”, ou seja, deveríamos abster-nos de fixar regras procedimentais da conversa antes dela começar. Portanto, para eles, a prova da conversa como caminho supremo, para a compreensão mútua, o respeito recíproco e o acordo final, está em entrar esse processo e conduzi-lo, tendo em vista negociar conjuntamente os obstáculos que tendem a aparecer no seu curso (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 77).

Portanto, para adentrar no pensamento de Bauman, é bom lembrar que ele é um humanista que dedicou sua vida a conceber a condição humana. Se para alguns ele é um

ingênuo pessimista, para outros, ele é um teórico perspicaz com ideias que reflete sobre temas caros e importantes para a era contemporânea, assim como para valores humanos que nos servem de guia na crítica social.

Capítulo 4 – A educação na Modernidade Líquida segundo Bauman

Será preciso a partir de agora o momento na educação contemporânea diante das mudanças socioculturais advindas com a modernidade líquida e que afetam diretamente o campo educacional. Além de analisar essas mudanças, buscamos confrontar essa nova realidade do sujeito líquido moderno com o tipo de educação recebida. A problemática e a complexidade da modernidade líquida, principalmente no campo educacional, nos remetem a repensar as práticas educacionais e, acima de tudo, despertar o pensamento crítico do aluno. Visamos também verificar quais são as consequências sociais dessa formação, ou seja, como a sociedade é afetada com o surgimento do ser líquido tendo em vista a educação. Afinal, como esse aluno pode contribuir na vida social com esse legado social recebido por um tipo de educação que advém de valores do ser líquido?

Segundo Bauman (2001), as mudanças na educação contemporânea têm ligações diretas com as mudanças na sociedade. Assim, as pessoas modificaram sua forma de interpretar o mundo. Não esqueçamos que o sujeito da modernidade líquida, como vimos, passa a ser marcado pelo fim dos padrões de segurança, estabilidade e certezas. Aliás, a insegurança é a sua marca primordial, surgindo o relativismo, a indefinição e o medo. Esse relativismo acaba afetando diretamente a educação, pois deixa de lado um modelo universal para aderir um modelo que se modifica rapidamente.

Começemos com o livro *Sobre Educação e Juventude* de Bauman em que ele trava um diálogo com Riccardo Mazzeo. No diálogo *O jovem como lata de lixo da indústria do consumo*, Bauman acusa o Estado de abrir mão da juventude como um projeto de futuro para a nação ao deixar de investir na educação de qualidade. Acusa que o interesse concreto do Estado pela juventude está relacionado à sua capacidade real ou potencial de consumo.

Nesse livro, o sociólogo reflete sobre o destino dos jovens e o papel da educação e do educador na era da modernidade líquida, indicando alguns caminhos e concepções. Segundo sua forma de pensar, na sua explanação a respeito de alguns desafios da educação na era líquida, compete ao educador despertar o espírito crítico dos estudantes. Essa seria uma forma que tornaria possível ao jovem ter condições futuras para viver em um mundo cada vez mais multifacetado. Portanto, um desafio da educação é, dentre outros, dialogar sobre a experiência da vida fragmentada contemporânea, sobre nosso sentimento de, muitas vezes, nos sentimos perdidos, sem apoio. Se o homem é o seu mundo e as suas

circunstâncias, então, as circunstâncias atuais requerem como nunca uma educação que esteja a serviço da vida e não para adaptar as pessoas a uma condição da vida líquida. Viver em uma sociedade líquida não significa adequar a educação a esses ditames – essa é perspectiva que Bauman nos traz.

Bauman realiza a partir dos anos de 1980, uma espécie de trilogia: *Legisladores e intérpretes*, *Sobre a modernidade a pós-modernidade e os intelectuais*, *Modernidade e Holocausto e Modernidade e ambivalência* – obras que foram publicadas entre os anos de 1987 e 1991. Nelas vemos que a escola é uma instituição funcional de resistência, pois “Foi tarefa da escola precaver-se contra o reino da ambivalência, da ambiguidade de sentido, da contingência, do caos, da diferença. A instituição cumpriu, assim, função normalizadora, homogeneizadora em busca da ordem na sociedade” (BAUMAN, 2010, p. 101-105).

Segundo o *Dicionário Crítico- Hermenêutico Zygmunt Bauman*, Bauman não criou propriamente uma teoria educacional. Ou seja, ele não se dedicou ao tema em algum livro, artigo ou entrevista específico, mas a análise do tema aparece com mais frequência quando ele analisa outros temas como, por exemplo, o amor. Que se veja:

Embora não tenha elaborado uma teoria sobre a temática ou, mesmo, escrito extensivamente sobre ela, Zygmunt Bauman tratou da Educação em sua obra, seja em livros, em artigos ou, então, em inúmeras entrevistas que concedeu. Arriscamo-nos a dizer que suas análises sobre a Educação são mais recorrentes naquilo que os comentaristas chamam de “fase mosaica” [TESTER] de sua escrita, oportunidade em que muitas questões do amor à arte líquida foram problematizadas pelo sociólogo. Ainda, retrospectivamente, é possível dizer que seus escritos revelam, ao menos, dois modos de se pensar a Educação. Tais formas estão relacionadas, diga-se de passagem, às duas chaves de leituras utilizadas por Bauman em suas reflexões. Na primeira delas, a ordem como tarefa da modernidade. Na segunda, o conceito de liquidez (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 53).

Se Bauman não tratou diretamente uma teoria da educação, isso não significa que não possamos conceber uma possível análise que tome em conta as suas considerações sobre o educar com o que ele apresenta da modernidade líquida.

Por exemplo, podemos pensar que a escola, enquanto uma instituição, na modernidade sólida, era um ponto de apoio para as crianças e adolescentes – uma instituição privilegiada que partilhava valores sociais. Trata-se de uma época em que os professores/educadores eram aqueles que faziam a mediação entre o conhecimento e os educandos.

O valor central nessa forma de educar é fornecer um saber de valor duradouro, bem-adaptado. Isto é, por mais que a educação se passasse por algo inalterável, duro, intratável, ela se apresentava como durável e visava crer que tudo que era aprendido na escola tinha uma boa chance de servir para o resto da vida.

Mas se daria o mesmo em nossa sociedade líquida? Os professores ainda seriam esses mediadores? Ou seriam as redes sociais?

Esse diagnóstico a respeito da Educação escolarizada será atualizado na analítica baumaniana. Entrar-se-ia, assim, no segundo sentido a respeito da Educação que se identifica em escritos do sociólogo. Tal modificação seria resultado das diferenças produzidas pela “passagem” da modernidade sólida à modernidade líquida ou, se preferirem, da sociedade de produtores à sociedade de consumidores. Se na sociedade de produtores a ambição moderna centrava-se na ordem como tarefa - com a conseqüente planificação do adestramento, rotina e previsibilidade -, é exatamente uma alteração substancial nessa “atmosfera” em que o conhecimento é transmitido que marcará uma modificação radical de sentido na tarefa da Educação escolarizada naquilo que Bauman chama, reiteradas vezes, de modernidade líquida (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 54).

Como se vê, a educação na sociedade líquida segue as mesmas características que se espera do sujeito líquido: uma educação que perde o apoio da rotina, da previsibilidade e se torna flexível, sem um referencial. Tal como se dá nas redes sociais, é em torno das informações que a educação passa a ser gerida, passando de um conteúdo a outro sem levar em conta a formação da pessoa no sentido de formar um cidadão estável e seguro em que saberíamos o que esperar dele. Em um mundo tão cheio de mudanças, a incerteza não é fabricada; ela passa a ser um hábito.

Dentro desta concepção acima levantada, o mesmo que vimos sobre a sociedade líquida irá se passar na educação, porque todas as esferas da sociedade, inclusive a educação, passam a ser líquidas:

Nesse contexto, a Educação pressupunha relação duradoura com o tempo, o que possibilitaria ao indivíduo em processo formativo a capacidade do autorreflexão e de julgamento. A Educação escolarizada foi, além disso, visualizada como atividade voltada para a entrega de um produto que poderia ser consumido hoje e sempre. É exatamente isso que os delirantes sistemas da semiformação em curso na sociedade impossibilitam, uma vez que eles dão um curto-circuito na durabilidade e na memória: em lugar dessa experiência com a durabilidade, surge um estado informativo e pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, mais aproximado a uma espécie de vivência fluída e volátil o bastante para ser apagada da memória assim que surgirem outras novas informações. (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 55).

Logo a seguir, os autores nos lembram de uma metáfora em que Bauman caracteriza esse novo figurino da educação. Ele se vale de uma metáfora da trajetória de um míssil inteligente:

Esse tipo de míssil, oposto das antigas versões balísticas, com um alvo já pré-programado, aprende na medida em que já está lançado à sua trajetória que sempre pode mudar, ser direcionada para aqui ou para ali, dependendo das circunstâncias do momento. Assim, concebidos, eles apenas precisam, de um lado, da capacidade de aprender muito rápido as novas rotas traçadas em seu caminho, ao mesmo tempo em que devem desenvolver a capacidade, também rápida, de esquecer o que antes estava programado (idem).

Essa metáfora de Bauman nos mostra como a educação nos dias atuais se projeta em alcançar algo que pode se modificar a qualquer momento, sem qualquer fim concreto. Os alunos estariam, assim, aptos a novas informações tais como se exige no mercado do conhecimento, em que a “Lealdade, vínculos e compromissos de longo prazo são anátemas e obstáculos a serem eliminados do caminho” (BAUMAN, 2002, p. 51). É nesse sentido que Bauman aponta como perdemos a ideia de formação, ou uma educação que vise fornecer um saber que independe da fluidez das informações.

Sabemos que as transformações e desestruturações de modelos tradicionais é um tema abordado diariamente entre educadores do mundo todo visando um repensar da escola diante das novas tecnologias e alternativas disponíveis atualmente. Tal reflexão envolve também a relação entre a concepção de juventude, sociedade e individualidade. A nosso ver, é em torno da noção de individualidade que se deve problematizar, pois é nesse caminho que o homem moderno é posto em um patamar de diluição e fragmentação, ao mesmo tempo que estabelece um ideal de sucesso individual. Portanto, tem-se o desafio de tentar compreender a relação do ser líquido moderno e o tipo de educação ofertada em uma sociedade afetada por uma destituição de valores sólidos que a ampare. Ou seja, ao pensarmos a educação, devemos ter em mente uma relação entre sociedade e mercado, pois nosso sistema capitalista converge todas as esferas em questões econômicas visando o lucro:

Você colocou o dedo naquele que talvez seja o obstáculo crucial à efetividade do consistente e do coerente em nossa sociedade de consumidores mediada e orientada pelo mercado: a capacidade onívora dos mercados de consumo, sua fantástica habilidade de aproveitar todo e qualquer problema, ansiedade, apreensão, dor e sofrimento humanos - sua capacidade de transformar todo protesto e toda “força contrária” em proveito e lucro. Por outro lado, com os

mercados no controle total dos canais de representação, divulgação e comunicação, as forças críticas e de oposição quase não têm escolha senão jogar de acordo com as regras do mercado, e assim - de forma indireta, mas não menos poderosa - endossar e reforçar o domínio do mercado (BAUMAN, 2013, p. 39).

Como lemos acima, uma primeira questão a ser levantada é sobre nossa sociedade de consumo e sua força de mercado que quer transformar tudo em lucro. Diante de tais aspectos, podemos entender que haja transformações sociais que levaram a intensas crises que se multiplicam no campo da educação. Na visão de Bauman, isso não é irreversível; ele nos propõe uma nova forma de pensar, de enxergar a sociedade, assim como é possível que haja novos modelos educativos. Segundo o sociólogo, cabe ao educador fomentar o espírito crítico dos estudantes, fornecendo as condições para viver em um mundo cada vez mais multifacetado – um mundo líquido cheio de sinais confusos, sujeito a mudar conforme as circunstâncias com uma rapidez incrível, traz consigo uma assustadora e misteriosa fragilidade dos laços humanos. Essa fragilidade é um dos aspectos deste mundo multifacetado que Bauman salienta.

Um exemplo dessa fragilidade, como já salientamos, encontramos nos relacionamentos em redes virtuais nos quais podem ser desfeitos ou desmanchados com grande facilidade. Podemos fazer e desfazer laços sem nem mesmo ver a pessoa, sem compromisso e sem que haja laços a longo prazo. Bauman nos ajuda a compreender esta assustadora constatação que afeta não apenas as relações humanas de uma maneira geral, como também os vínculos afetivos e familiares. Todas nossas formas de relações são, no fundo, afetadas, levando nossa sociedade a perder a capacidade de tratar com estranhos como um igual que merece respeito e atenção – tal como se espera principalmente num encontro pessoal (e não virtual). Dificilmente, face-a-face agimos da mesma forma como agimos nas redes virtuais. Por exemplo, não dizemos as mesmas coisas nem agimos do mesmo modo quando estamos diante de uma pessoa ou atrás de uma tela. Daí porque Bauman busca esclarecer, analisar e provocar a forma que o homem sem vínculos - personagem central dos tempos modernos - se conecta com tudo e com ninguém ao mesmo tempo.

Tomemos também a obra *A individualidade Numa Época de Incertezas* de Bauman, publicada originalmente em 2015. Este livro teve início em um encontro entre Bauman e Raud na Universidade de Tallinn, na Estônia, e depois prosseguiu por correspondência. Trata-se de um debate profundo e pertinente para a compreensão dos dias atuais. Destaca-

se no livro a crença que vivemos hoje rodeados pela incerteza, e que constatamos que o mundo muda cada vez mais rápido. É neste cenário impreciso, em contínua construção, que muitos dilemas acerca da condição humana são postos: quem somos; que lugar ocupamos no mundo; para onde vamos etc. – eis alguns dos exemplos de desafios que enfrentamos em um mundo que muda cada vez mais rápido.

Nesse cenário impreciso e em contínua construção, são muitos os desafios acerca da condição humana – questões que nos remetem a novos paradigmas existenciais. Estes desafios podem ser o ponto de partida para pensarmos como a individualidade é construída e desconstruída na vida social, levando em conta temas que os dois pensadores levantam tal como destino, escolha e liberdade. Vejamos como são complexas as perguntas da era líquida moderna:

O tempo de uma hora dedicado à discussão evidentemente ficou longe do necessário; ele prosseguiu durante o jantar e migrou para a nossa correspondência, logo assumindo um formato mais estruturado e organizado das ideias que vêm nos intrigando em torno de um foco nuclear, um conceito que acreditamos ser de fundamental importância para qualquer discussão sobre o mundo atual: o da individualização. Como o indivíduo percebe sua posição no mundo? Somos determinados por nossa herança genética, circunstâncias sociais e preferências culturais - e apenas levados a acreditar que tomamos nossas próprias decisões? Quem é responsável por isso? Os outros indivíduos são do mesmo modo determinados? Ou somos autônomos - no todo ou em parte -, e, assim sendo, em que grau? Somos ou não suficientemente autônomos para controlar e alterar o legado que o destino nos transmitiu? De que modo surge a individualidade? Será que ela segue o mesmo padrão de desenvolvimento em todas as pessoas, em todas as culturas, em todas as épocas? Ou seria ela própria uma construção sociocultural a ser considerada em seu contexto histórico? Em caso positivo, o que está acontecendo agora - os padrões de individualidade estariam mudando no mundo atual? A tecnologia contemporânea nos concede mais autonomia ou nos induz a abdicar das liberdades que possuímos? (BAUMAN, 2015, p. 13).

Novamente o tema da individualidade entra em cena como um dos questionamentos mais importantes do nosso tempo. Destaca-se a tese de que está emergindo uma nova geração com uma formação diferente da que conhecíamos; assim, podemos questionar como as escolas estão lidando com esta nova configuração de estudantes. Existem, por exemplo, currículos escolares que levam em conta a natureza peculiar de cada estudante; se tal currículo visa as novas demandas sociais ou uma adequação ao mercado; se visa ou não as habilidades e capacidades individuais ou em grupo etc. É preciso ter um parâmetro de como as escolas lidam com essas demandas.

Bauman e Raud argumentam, entre outros pontos, sobre a necessidade de se pensar de forma diferente da que se vem pensando na educação. No fundo, o que visam é rever nossas prioridades, nossos investimentos, nossos compromissos e nossos desejos – só assim poderíamos criar um currículo à altura de nossas expectativas, levando em conta o cenário educacional e cultural mais amplo existente fora do sistema formal de escolarização. A ideia de “alienígenas” seria exatamente o desconhecimento de nossa juventude: um novo tipo de subjetividade humana que está se formando a partir do nexo entre a cultura jovem e o complexo crescente global da mídia. Ou seja, estamos diante de uma nova identidade, diferente de tudo que já se viu; há também, o que é mais importante, uma nova forma de se tornar humano. Não por acaso a escola se tornou um importante espaço de observação dessa nova formação subjetiva.

Mas fica-nos a questão: o que seria uma educação líquida? Como caracterizá-la de fato? Seria pela intensa massificação de informações?

A escola, na contemporaneidade, tem deixado de ser uma instituição de pura passagem de conhecimento, como se o aluno fosse passivo, apenas alguém que recebe conteúdos, para se tornar parte da construção do conhecimento. Para Bauman, não há como voltar à situação em que o professor é o único conhecedor, a única fonte, o único guia do saber. Neste sentido, precisamos não apenas alimentar os alunos com conteúdos, mas sim com o pensamento crítico, capaz de reverter os modelos hoje inábeis em dialogar com o cenário atual (ALFANO, 2015). É o que se pode perceber nessa passagem de perguntas e respostas de Bauman:

Pergunta (P): A educação foi concebida desde o iluminismo como um sistema fortemente estruturado; em tempos mais recentes, a *Bildung* tem sido interpretada primeiro como um processo, depois até como um “produto” para transmitir e conservar o conhecimento. No mutável mundo de hoje, onde “correr é melhor que caminhar”, onde triunfam entre os jovens a obviedade e as ideologias, o senhor considera ainda plausível uma educação voltada para “fixar em uma forma” a personalidade dos jovens através de um percurso formativo determinado?

Resposta (R): A história da pedagogia esteve repleta de períodos cruciais em que ficou evidente que os pressupostos e as estratégias experimentadas e aparentemente confiáveis estavam perdendo terreno em relação à realidade e precisavam pois ser revistos ou reformados. Todavia, parece que a crise atual é diversa daquelas do passado. Os desafios do nosso tempo infligem um duro golpe à verdadeira essência da ideia de pedagogia formada nos albores da longa história da civilização: problematizam-se as “invariantes” da ideia, as características constitutivas da própria pedagogia (que, incólumes, resistiram às

mudanças do passado); convicções nunca antes criticadas são agora consideradas culpadas de ter seguido o seu curso e, portanto, precisam ser substituídas. No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora. E dado que inclusive as coisas mais desejadas envelhecem rapidamente, não é de espantar se elas logo perdem o brilho e se transformam, em pouco tempo, de distintivo de honra em marca de vergonha (BAUMAN, 2013, p. 39).

Também é esclarecedora a próxima citação que nos ajuda na compreensão de aspectos da educação:

O segundo desafio para os pressupostos basilares da pedagogia deriva da natureza excêntrica e essencialmente imprevisível das mudanças contemporâneas, o que reforça o primeiro desafio. O conhecimento sempre foi valorizado por sua fiel representação do mundo, mas o que aconteceria se o mundo mudasse, recusando continuamente a verdade do conhecimento ainda existente e pegando de surpresa inclusive as pessoas “mais bem informadas”? Werner Jaeger, autor de estudos clássicos sobre as antigas origens dos conceitos de pedagogia e aprendizagem, acreditava que a ideia de pedagogia (*Bildung*, formação) tenha nascido de duas hipóteses idênticas: aquela da ordem imutável do mundo que está na base de toda a variedade da experiência humana e aquela da natureza igualmente eterna das leis que regem a natureza humana. A primeira hipótese justificava a necessidade e as vantagens da transmissão do conhecimento dos professores aos alunos. A segunda incute no professor a auto segurança necessária para esculpir a personalidade dos alunos e, como o escultor com o mármore, pressupunha que o modelo fosse sempre justo, belo e bom, portanto virtuoso e nobre. Se as ideias de Jaeger fossem corretas (e não foram refutadas), significaria que a pedagogia, como a entendemos, se encontraria em dificuldades, porque hoje é necessário um esforço enorme para sustentar essas hipóteses e outro ainda maior para reconhecê-las como incontestáveis. [...] No passado, a pedagogia assumiu diversas formas e se mostrou capaz de adaptar-se às mudanças, de fixar-se novos objetivos e criar novas estratégias. Todavia, deixe-me repetir que as mudanças de hoje são diferentes daquelas ocorridas no passado. Nenhuma reviravolta da história humana pôs os educadores diante de desafios comparáveis a esses decisivos de nossos dias. Simplesmente não havíamos estado até agora em situação semelhante. A arte de viver em um mundo ultra saturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver. (BAUMAN, 2013, p. 14).

Esse desafio educacional parece ir de encontro com os valores que privilegiam o ser individual, por isso o desafio é maior, pois afeta todas as dimensões da vida humana. E tais como os líquidos, na sua forma física, que são inconstantes, o mesmo pode estar em

uma forma em que apresenta mais energia cinética que um material sólido, havendo mais espaçamento entre as moléculas do que os materiais gasosos. Esta também seria uma metáfora para a condição da dimensão educacional do ser líquido moderno: feita para durar, mas pode acabar quando o próximo verá chegar. Vivendo quase sempre um triste fim da era dos extremos.

A visão, ou falta dela, de longo e médio prazo é outra característica marcante da era moderna líquida, sendo que só é possível conceber e pensar num curtíssimo prazo, com o risco eminente de ser “ultrapassado”. Lembremos que os valores são fluidos e imediatos. Outro grande problema que encontramos na educação é a questão da desatenção do aluno, como comentou Bauman no encontro *Educação 360*, em que os jovens não conseguem deter a concentração por muito tempo. Afinal, a tecnologia trouxe consigo uma praticidade, em que temos acesso a milhares de informações nos poupando o trabalho de uma pesquisa atenta. Hoje, com uma simples pesquisa no Google, encontramos respostas prontas a perguntas que possamos formular. Essa imediaticidade faz com que se torne mais difícil para o professor manter o controle em sala de aula, principalmente quando é preciso que sejam feitas leituras (ALFANO, 2015).

A desigualdade social é outro fator que acaba comprometendo não somente a educação, mas o acesso a ela. Nosso modelo de sociedade capitalista acaba por limitar o acesso dos alunos a materiais didáticos e mesmo tecnológicos, segundo Bauman. Assim, o “[...] capitalismo se destaca por criar problemas, e não por solucioná-los” (BAUMAN, 2010, p. 7).

Se a incerteza foi um fator definidor da década de 2010, ela se destaca mais com uma sensação crescente alimentada por dificuldades econômicas, divisões políticas, aceleração tecnológica e problemas ambientais. Intensificou-se a ausência de fixidez nos diversos aspectos da vida. Até a tradicional âncora dos fatos e da verdade se perdeu à medida que a desinformação ganha terreno. A verdade ou a falta dela passou a ser outro quesito sério que afeta as relações humanas da nossa época. Aliada com desinformações, as pessoas passam a acreditar no que veem nas redes sociais sem se questionarem – algo que reflete um problema interno ao campo educacional.

Outro exemplo para compreendermos a relação do pensamento de Bauman e a educação na era líquida é a obra *Bauman & a Educação* de Felipe Quintão de Almeida, Ivan Marcelo Gomes e Valter Bracht (2009). No décimo sexto volume da Coleção Pensadores & Educação, eles apresentam a vida e a obra de Bauman; mostram também a

crítica dele à sociedade moderna, apresentando aos leitores alguns aspectos da atual condição moderna e líquida em contraposição à sua etapa anterior, sólida e firme, partindo de questionamentos como: O que sustenta, em Bauman, a transição da modernidade sólida à modernidade líquida? Quais são as implicações pedagógicas da sociologia de Bauman?

Toda a obra *Bauman & e a Educação* é fundamental na discussão sobre o pensamento de Bauman sobre a modernidade líquida e a educação. Mais especificamente no capítulo intitulado *Entre a legislação e a interpretação: implicações para o discurso escolar e formativo* e no capítulo seguinte intitulado *Dilemas e desafios educacionais na Modernidade líquida*. Esses capítulos frisam como lidamos diariamente com o efêmero, com o perecível e o com descartável em nossa sociedade consumista. Ela estaria cega: uma espécie de cegueira coletiva. Afinal, as pessoas são cegas ao não perceberem a impossibilidade da durabilidade dos bens materiais; são cegas por não levarem a sério as relações entre os homens de forma mais concreta. Daí porque estaríamos em uma contradição: “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2010, p.7).

No terceiro capítulo, os autores discorrem a respeito do papel reservado à instituição educacional no estabelecimento da ordem como tarefa da modernidade sólida; procuram refletir sobre a atualidade dessa função de ordem levando em conta a inserção da escola em uma sociedade não mais disposta a estabelecer práticas de homogeneização cultural. Não seria mais possível essa mesma função na atual caracterização do discurso intelectual da modernidade líquida. Isso nos leva a alguns desafios epistemológicos que esse novo discurso apresenta às teorias e às práticas de formação. Já no quarto capítulo, os autores buscam uma estratégia de verificar as implicações pedagógicas que nos traz a sociologia de Bauman. Pensando sobre as dificuldades e possibilidades abertas à escola e às teorias e práticas formativas, será preciso levar em conta o sentido de uma educação para toda a vida em uma sociedade líquida.

Por essas e outras reflexões os autores de *Bauman & a Educação* fazem uma grande contribuição no entendimento de temas caros e significativos ao nosso tempo. Mas o que é mais forte é a própria fala do Bauman em entrevistas diversas no qual ele expõe a da educação em nosso tempo. É o caso da citação a seguir, em que ele discorre sobre a aprendizagem terciária, fazendo um argumento que se encaixa no entendimento de uma

vida breve e efêmera na qual o indivíduo sobrevive em condições frágeis, voláteis e com uma série de novos e sucessivos inícios:

Contudo, o pressuposto sobre o qual se funda o veredicto de Bateson não reina mais; em uma modernidade líquida se tornou por assim dizer contra-factual. A aprendizagem terciária parece provavelmente patológica, entre surto de loucura e potencialmente suicida, só porque combina com o argumento de que a vida de cada um, inconstante e relativamente breve, é inscrita em um mundo estável e imprevisível. Em uma modernidade líquida, contudo, a relação entre a vida e o mundo sofreu uma reviravolta; se parte agora do argumento contrário, no qual a vida do indivíduo, relativamente longa, é dedicada à sobrevivência em condições frágeis e voláteis através de uma série de “novos inícios” sucessivos (BAUMAN, 2013, p. 14).

Esta reflexão de Bauman vai ao encontro com uma concepção de sujeito que é fruto de uma educação recebida na era moderna. A brevidade e a fragilidade das relações humanas também afetam o plano educacional como um todo. Isso pode ser visto nestas linhas:

Os praticantes de uma vida fatiada em episódios, cada um dos quais com um novo início e um fim brusco, não têm necessidade de uma educação que busque lhes fornecer os instrumentos idôneos para um mundo invariável (ou para um mundo que se move a uma velocidade inferior em relação àquela do conhecimento ao qual deveria estar ligada). Os caçadores levam a própria vida, fugindo, deslocando-se de uma floresta a outra; assim como todos nós vivemos passando de um projeto a outro, do projeto ainda por definir ao projeto apenas terminado, como demonstraram de maneira convincente Luc Boltanski e Eve Chiapello. Não nos preocupamos com a velocidade impressionante com que o conhecimento muda de ritmo, o conhecimento precedente envelhece e o novo, recém-nascido, é destinado a envelhecer do mesmo modo: a volatilidade do mundo líquido, parca e integrado e multicêntrico, faz com que cada um dos episódios sucessivos dos projetos conduzidos na vida requeiram uma série de competências e informações que tornam vãs as competências pregressas e as informações memorizadas. Aprender quantidades excessivas de informações, procurando observá-las e memorizá-las, aspirando tenazmente à completude e à coesão das informações adquiridas, é visto com suspeita, como uma ilógica perda de tempo... (BAUMAN, 2000, p. 13).

Vimos acima que Bauman, discorrendo sobre o tipo de sujeito típico da era líquida, um ser que vive a vida fatiada em episódios, vive sempre em busca de um novo início, ao contrário de uma educação para toda a vida. Essa ideia vai ao encontro com outra fala de Bauman:

Tudo isso contradiz a verdadeira essência da educação centrada na escola, que notoriamente prefere um rígido programa de estudos e uma sucessão predefinida no processo de aprendizagem. Na modernidade líquida os centros de ensino e aprendizagem estão submetidos à pressão "de institucionalizante" e são continuamente persuadidos a renunciar à sua lealdade aos "princípios do conhecimento" (sua existência, para não falar de sua utilidade, é sempre posta em dúvida), valorizando ao contrário a flexibilidade da presumida lógica interna das disciplinas escolares (BAUMAN, 2013, p. 43).

Contudo, pensamos que é possível mudanças profundas desse modo de ser, desde que levemos em conta as relações sociais, em especial, as afetivas, na compreensão do mundo. É na escola que essas relações poderiam ser instauradas.

Esta possibilidade de mudança pode vir ao questionarmos os valores de um eu individual; seria preciso repensar o todo social, a começar na escola, a partir de relações afetivas com o outro. Cada vez que somos atingidos por uma pequena fagulha de mudança, somos obrigados a rever nossos conceitos, metas, sonhos e, às vezes, até passar por um sentimento de impotência. Tal sentimento, certamente, gera angústia, desespero e, às vezes, desilusão. Caminhamos, portanto, no limite: entre esses momentos de incertezas, mas também passíveis de novas possibilidades.

A educação hoje passa por uma situação que talvez não consigamos comparar com outra época da história da humanidade. Ela levou um golpe duro ao se ver questionada em seus fundamentos, até mesmo em sua ideia de formação. Trata-se de uma questão que não foi posta em dúvida até então. Hoje, qualquer concepção de algo que dure pelo resto de nossas vidas nos assusta. É esse, segundo Bauman, o primeiro ponto que a pedagogia deve enfrentar: que tipo de conhecimento estamos dispostos a ensinar? Algo que seja como a vida virtual – algo imediato, substituível e adaptável? Nas palavras de Bauman:

A capacidade de durar bastante não é mais uma qualidade a favor das coisas. Presume-se que as coisas e as relações são úteis apenas por um "tempo fixo" e são reduzidas a farrapos ou eliminadas uma vez que se tornam inúteis. Portanto é necessário evitar ter bens, sobretudo aqueles duráveis dos quais é difícil se desprender. O consumismo de hoje não visa ao acúmulo de coisas, mas à sua máxima utilização. Por qual motivo, então, "a bagagem de conhecimentos" construída nos bancos da escola, na universidade, deveria ser excluída dessa lei universal? Este é o primeiro desafio que a pedagogia deve enfrentar, ou seja, um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação, como aquele oferecido pelos programas de *software* (atualizados cada vez mais rapidamente e, portanto, substituídos), que se mostra muito mais atraente do que aquele proposto por uma educação sólida e estruturada. Em consequência, a ideia de que a pedagogia também possa ser um "produto" destinado à apropriação e à conservação, é uma ideia desagradável e

contrária à pedagogia institucionalizada. Para convencer as crianças da importância do conhecimento e do uso da aprendizagem, os pais antigamente lhes diziam que “ninguém nunca poderá roubar a sua cultura”; o que soava como uma promessa encorajadora para os filhos de então, seria uma horrenda perspectiva para os jovens de hoje. Os compromissos tendem a ser evitados, a menos que venham acompanhados de uma cláusula de “até nova ordem” (BAUMAN, 2013, p. 42).

Eis acima uns dos aspectos que afeta a pedagogia: a futilidade das coisas. Como propor uma educação que se adeque a esse modelo? Ou deveríamos pensar a escola de outra forma? Mas como ela seria atrativa se não seguisse os ditames da modernidade líquida?

Pensemos assim: se há uma imprevisibilidade em nossa sociedade, como fazemos um plano diretriz educacional sólido? Se nosso conhecimento busca a compreensão e reflexão da realidade, o que acontece se essa realidade se modificar? O que significa, afinal, ser bem informado se todos os dias o que “vale” como notícia se modifica e o que “valia” é esquecido? Bauman se questiona sobre a concepção mesma de formação, porque a própria ideia de transmitir a tradição é colocada em dúvida em uma sociedade líquida. Advoga-se que a história não passa de uma “história”; o que é válido é o tempo presente, como ele tivesse sido dado a nós instantaneamente.

Esse desafio da pedagogia e, conseqüentemente, do ser educacional líquido moderno, aprofunda e reforça a questão de lidar com as mudanças imprevisíveis das coisas e da ordem “imutável” do mundo. Assim, o que nos sobra é a insegurança – uma espécie de areia movediça que, dependendo da situação, aprofunda o nosso “vazio”. E não esqueçamos que já não é possível ao professor esculpir a personalidade do aluno, tal como o artesão faz com o mármore; nem mesmos os valores esperados podem ser esculpidos, como de uma pessoa bela, justa e virtuosa. Observemos abaixo os desafios que a aprendizagem e a pedagogia precisam enfrentar segundo a concepção de Bauman:

Tudo isto não corresponde àquilo que a aprendizagem e a pedagogia superaram na maior parte do seu curso histórico. Afinal, foram criadas na medida de um mundo duradouro, na esperança de que este permanecesse assim e fosse ainda mais durável do que havia sido até então. Em um mundo desse tipo, a memória era um elemento precioso e seu valor aumentava quanto mais conseguisse recuar e durar. Hoje esse tipo de memória firmemente consolidada, demonstra-se em muitos casos potencialmente incapacitante, em muitos outros enganosa e quase sempre inútil. É surpreendente pensar até que ponto a rápida e espetacular carreira dos servidores e das redes eletrônicas tem a ver com os problemas de memorização, de eliminação e reciclagem dos descartes que os próprios servidores prometiam resolver; com uma memorização que procurava mais

descartes que produtos utilizáveis e sem ter um modo confiável para decidir de antemão quais, entre os produtos aparentemente úteis, se tornaram logo fora de moda e quais, entre aqueles aparentemente inúteis, haveriam de gozar de um súbito crescimento de demanda. A possibilidade de armazenar todas as informações dentro de recipientes mantidos a uma devida distância dos cérebros (onde as informações armazenadas poderiam subrepticamente controlar o comportamento), parecia uma proposta providencial e atraente (BAUMAN, 2013, p. 40).

O que fazer diante da desvalorização da história, da memória, do conhecimento duradouro? Seria culpa dos educadores a perda desses valores? Bauman pensa por outro viés:

O problema é que apenas a reforma das estratégias educativas, apesar de engenhosa e completa, pode fazer pouco ou nada. O ritual agressivo e repetitivo da corte do *spinarello* ou o repentino chamado da estratégia de vida de Don Giovanni não podem ser atribuídos aos educadores como culpas e negligências. O tipo de mundo para o qual a escola preparava os jovens, como descrito por Myers ou Jaeger, era diverso daquele que os esperava fora da escola. No mundo de hoje, se espera que os seres humanos busquem soluções privadas para os problemas derivados da sociedade e não soluções derivadas da sociedade para problemas privados. Durante a fase “sólida” da história moderna, o cenário das ações humanas era criado para emular, o quanto possível, o modelo do labirinto dos comportamentalistas no qual a diferença entre os caminhos certos e errados era clara e fixa, de modo que aqueles que erravam ou recusam os caminhos certos eram constante e imediatamente punidos, enquanto aqueles que os seguiam obediente e velozmente eram recompensados. (BAUMAN, 2013, p. 40).

A era atual, por outro lado, requer que busquemos soluções privadas para os problemas derivados da sociedade e não que o social resolva problemas privados. Essa é uma questão central para se pensar o ser educacional líquido moderno: se não é o social que ajudará, pressupõe-se que a escola esteja incluída nesse aspecto social.

A educação vive, portanto, uma difícil arte de criar estratégias para lidar com um mundo saturado de informações, tornando a arte de educar o ser humano uma tarefa difícil e complicada. Ficam vários questionamentos. Ainda mais problemático é se pensarmos com Bauman o que significa uma aprendizagem terciária que vem se alastrando hoje:

É incontestável a perspectiva que os educadores em busca de “o que ou quem não é o inferno” acabam se defrontando com uma tarefa árdua na tentativa de chamar a atenção e de promover o espírito crítico nos próprios alunos. É certo que esses educadores estão submetidos a fortes pressões que os levam a aceitar aquilo que eles mesmos obstinadamente insistem em definir como inferno e induzem os alunos a aplicar, para torná-la ainda mais fácil, a própria estratégia

de vida que se pode definir como: “fácil para muitos”. Retomando Gregory Bateson (1976), relembremos que a “aprendizagem terciária” (que promove a formação de competências de modo a dismantelar os esquemas cognitivos aprendidos antes), reduz os alunos ao nível do plâncton, transportado por ondas casuais e sem encontrar um lugar onde permanecer ou apoiar-se para resistir à maré. Desse modo a aprendizagem terciária parece se situar no polo oposto em relação à “deuteroaprendizagem” ou aprender a aprender. Está, de fato, segundo Bateson, poderia permitir aos discentes “lançar bases sólidas”, integrando as noções adquiridas a novos conhecimentos, permitindo a eles prosseguir pela trajetória escolhida em todas as circunstâncias, até nas mais voláteis. Se a deuteroaprendizagem torna a conduta dos alunos autônoma, a aprendizagem terciária está destinada a confundir-lhes e a tornar seu comportamento heterogêneo. A aprendizagem terciária não deixa um sedimento duradouro, uma base sólida sobre a qual se pode construir, tampouco conhecimentos que podem sedimentar-se e crescer durante o curso dos estudos. O processo de aprendizagem terciária (presumindo-se que se possa falar de processo em tal caso) é uma sucessão infinita de novos inícios, devida antes de tudo ao rápido cancelamento dos conhecimentos pregressos, mais que à aquisição de novos conhecimentos; parece uma espécie de cruzada contra a manutenção e a memorização dos conhecimentos. A aprendizagem terciária poderia, assim, ser definida como um dispositivo anti memória. É por isso que Gregory Bateson definiu a aprendizagem terciária como uma patologia, uma formação cancerígena que cresce nutrindo-se no corpo da instrução e, se não extirpada, leva à sua destruição (BAUMAN, 2013, p. 40).

No avanço de um argumento preciso e também provocativo, Bauman critica o que vem a ser uma aprendizagem terciária tão em moda neste momento. O mais difícil é que muitas das pressões vêm tanto do governo quanto dos alunos. O que se vê, afinal, é uma submissão ao mercado, inclusive no domínio da educação. É isso que Bauman nos apresenta a seguir:

As pressões provêm seja do alto (do governo que pretende acompanhar os caprichosos e voláteis movimentos no mundo econômico), seja de baixo (dos estudantes, expostos igualmente às caprichosas demandas do mercado de trabalho e desconcertados por sua natureza aparentemente casual e imprevisível). Outro fator, a perda do tradicional monopólio das instituições escolares no papel de tutoras do conhecimento e da relativa partilha de (ou concorrência por) de tal papel com os fornecedores de *software* para computador, revigora tais pressões. Um efeito muito evidente dessas pressões, verificado pelos teóricos e integrantes do sistema educacional, é o evidente deslocamento de ênfase do “ensino” à “aprendizagem”. Imputar aos estudantes a responsabilidade de determinar a trajetória do ensino e da aprendizagem (e, portanto, de suas consequências pragmáticas) reflete a crescente falta de vontade dos alunos de assumir compromissos de longo prazo, reduzindo assim o leque de opções futuras e limitando o âmbito de ação. Outro efeito evidente das pressões de institucionalizantes é a “privatização” e a “individualização” dos processos e das situações de ensino e aprendizagem, além da gradual e inexorável substituição da

relação ortodoxa professor-aluno por aquela de fornecedor-cliente, ou aquela centro comercial-comprador. (BAUMAN, 2013, p. 40).

A novidade da educação na modernidade líquida é um rompimento radical com a forma de pensá-la que Bauman encontra desde os gregos:

Desde que os antigos sábios gregos inventaram a noção de *Paideia* foi preciso mais de dois mil anos para transformar a ideia de “educação permanente”, de oxímoro (contradição dos termos) em pleonasmo (do tipo “manteiga amanteigada”, “ferro metálico”...). Entretanto, a atestação dessa notável transformação ocorreu recentemente - nos últimos dez anos - sob o impacto da mudança acelerada do ambiente social no qual os protagonistas principais da educação (tanto professores como educandos) deveriam agir (BAUMAN, 2013, p. 40).

Isso envolve uma reflexão das relações sociais como portadoras de sentido, pois é em nossas relações inclusive conosco mesmos e com o mundo que nos identificamos enquanto sujeito. Seria na escola que poderia haver essa mudança em nossas formas de relação, pois a experiência escolar não pode ser desinteressante, sem sentido, sem atração, inútil e/ou insignificante.

Conclusão

Talvez um bom início para tentarmos buscar uma saída meio a essa era de incertezas seja ouvir e dar vazão às palavras de Bauman quando ele deu uma entrevista para a revista Istoé e aconselhou os jovens com estas palavras:

Eu desejo que os jovens percebam razoavelmente cedo que há tanto significado na vida quando eles conseguem adicionar isso a ela através de esforço e dedicação. Que a árdua tarefa de compor uma vida não pode ser reduzida a adicionar episódios agradáveis. A vida é maior que a soma de seus momentos. (BAUMAN, 2002, p. 15).

Afinal, a vida sempre tem que ser maior que a soma de pequenos momentos. Numa perspectiva mais ampla e de múltiplos significados. Muitas vezes ela pode estar vinculada com a maneira de ver o mundo; poderíamos dizer que, ao não pensarmos o todo social, veríamos o mundo de forma “míope”. Visando o todo, a dimensão educacional aguça a perspicácia de lidar com o entorno: com o outro e com o mundo e mesmo consigo mesmo, pois o homem é um ser social – ele se constitui em relação aos outros e ao mundo.

A dimensão educacional, a nosso ver, é própria de nossa dimensão existencial, porque lida diretamente com a existência do indivíduo enquanto ser social. Isso representa dizer que aquilo que é visto na escola é a cópia perfeita da sociedade e a dimensão e o tamanho do indivíduo na sociedade é o mesmo tamanho dele saído do processo educacional, ou seja, o modelo de sociedade que temos acaba sendo reflexo direto do tipo de ser que é educado numa escola líquida em educação também líquida ou como pontuou Bauman “a educação é refém da modernidade líquida”, seja, como for cremos que teremos uma dimensão intelectual maior do ser se ele não ficar reduzido as efemeridades de um povo que não tem noção do quê quer. Sendo verdade que, individualmente, encontramos na atualidade que a ideia é educar não para um sucesso individual unicamente como meta, mas também com fim social. Ou seja, pessoas dotadas de uma capacidade crítica, mas também solidária, com consciência coletiva. Essas são as perspectivas de Bauman como comentam Vicente, Nicodemos e Pithan:

Na ambivalência da vida e das relações, pode-se despertar para o pensar utópico de que outro mundo é possível, onde todos os seres humanos tenham espaço para viver, sonhar, amar e onde seja possível desenvolver a solidariedade, mesmo nesses tempos sombrios que desafiam a pensar em que mundo se está vivendo e que lugar se ocupa nele, sem deixar de refletir que recursos naturais ir-se-á deixar no planeta para os novos que chegam ao mundo. Para Bauman, incapazes

de prever e minimizar o ritmo das mudanças e as consequências que essa corrida frenética possa produzir em nossas vidas, busca-se paliativos para “proteger” ou tentar proteger a si próprios e aos seus círculos familiares dos inúmeros perigos que a sociedade moderna, em seu estágio fluído, continua a produzir (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 65).

É nesse caminho que Bauman trabalhou o conceito de felicidade diante de diversos momentos enquanto algo possível mesmo diante das incertezas. Vicente, Nicodemos e Pithan escrevem:

Interessante observar que Zygmunt Bauman, principalmente a partir do conceito metafórico da Modernidade Líquida, analisou a felicidade frente a diversos elementos, de maneira muito perspicaz e em variadas esferas daquilo que ele denominou de vida líquida (VICENTE, NICODEMOS, PITHAN, 2021, p. 79).

O que é estranho em nossa sociedade é que as pessoas, antes de se sentirem felizes, sentem a necessidade de “parecerem” felizes. Ou, antes de entender efetivamente um assunto, faz-se necessário “parecer” entendê-lo. Sendo uma característica de outras épocas também. Observando a lógica das redes em que só é necessário postar, curtir, compartilhar e ser curtido, compartilhado e comentado, mantendo um movimento próprio das redes de ser “líquida”. Essa lógica se impõe para a pessoa “aparecer” para o outro; ser notado e percebido. Segundo Bauman, tudo isso reforça o medo de ser descartado ou mesmo de se sentir desatualizado. Ou seja, o medo de estar por fora do que está acontecendo de mais novo e melhor. Assim, o medo de não ser admirado e reconhecido seria algo como “não ser visto”; e isso, em nossa sociedade, equivale, a “não existir”, ao menos socialmente.

Assim como aquele sujeito que não estiver expressando uma fachada, uma aparência, ou uma imagem pessoal, de acordo com padrões estéticos, comportamentais, morais, psicológicos e intelectuais, vistos e tidos como ideais, ele poderá também ser descartado facilmente pelo seu círculo social (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 79).

Na verdade, a arte de negociar interesses comuns e um destino compartilhado na sociedade atual vem caindo em desuso ou raramente é praticada e até mesmo anda meio esquecida. A ideia de “bem comum” muitas vezes é vista com suspeição, como ameaçadora, nebulosa e confusa como destacamos. Ao frisar o valor de ser bem-sucedido, a ideia de bem comum se perde. Isso é fortemente incentivado pela mídia, por exemplo, ao destacar as pessoas bem-sucedidas como ideal a ser buscado. Assim, cada um parece não estar submisso a ninguém, salvo a si próprio, como destacam os autores do dicionário:

Reforçamos, portanto, a ideia de que dentro da vida líquida “o sujeito de desempenho pós-moderno não está submisso a ninguém, salvo a ele próprio”.

Em outras palavras, o sujeito narcísico e de desempenho solicitado em nossos dias não realiza a meta, uma vez que: concorrendo consigo próprio, é incapaz de chegar à conclusão. A ilusão da conclusão do homem resulta na frustração, ao mesmo tempo em que alimenta a lógica da coisificação do sujeito líquido-moderno. Concluir-se como produto acabado e pronto a ser distribuído e promovido. Vendido! Sujeitos-mercadorias (VICENTE; NICODEMOS; PITHAN, 2021, p. 79).

Uma saída possível, segundo Bauman, como já destacamos, é o diálogo, uma vez que esse exercício envolve a capacidade de ouvir o outro. No diálogo é possível uma relação verdadeiramente social, pois as pessoas envolvidas se escutam – um primeiro passo para uma mudança de valores voltados ao individualismo. Essa seria a aposta para se alcançar uma humanidade que possa ser plural, múltipla em todos os sentidos, em uma constante construção da emancipação individual e coletiva. O diálogo enfrentaria o ser educacional numa espécie de dialética do esclarecimento, num, pensamento altamente crítico e reflexivo a respeito da sociedade moderna e as suas características peculiares e isso seria uma grande contribuição, porque, colocaria o ser perante a si mesmo diante da sua própria imagem, levando, ao um alto conhecimento pensado e desejado desde os gregos antigos.

Bibliografia

ALFANO, B. **‘A educação deve ser pensada durante a vida inteira’**, diz Zygmunt Bauman. 2015. Disponível em: O Globo, 2015. Disponível em: **‘A educação deve ser pensada durante a vida inteira’**, diz Zygmunt Bauman - Jornal O Globo Acesso em: 16/10/2021.

ALMEIDA, F. Q.; GOMES, I. M.; BRACHT, V. **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio De Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: Sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”**. In: Istoé, n. 2717. Disponível em: "Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar" - ISTOÉ Independente (istoe.com.br). Acesso em: 20/12/2021.

CUNHA, Carolina. **A modernidade imediata é “líquida” e veloz”, mais dinâmica que a modernidade**. O Clarín, Argentina, ano 131, n. 02 de maio. 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HABERMAS, Jurgen. **Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, M. **A época das imagens do mundo**. Disponível em: A Epoca Das Imagens de Mundo | PDF | Experimento | Science (scribd.com) Acesso em: 15/2/2021.

SIQUEIRA, Bernadette Abrão. **A história da filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 2008.

VICENTE, Claudionei; NICODEMOS, Cassol João; PITHAN, Martins Manfio Sidinei da Silva. **Dicionário Crítico-Hermenêutico Zygmunt Bauman**. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UNB, 1991.